LARISSA CHACON BATISTA

A Relação entre Técnica e Ecologia na Obra de Arte Contemporânea: Uma Leitura a partir do Martin Heidegger

FAPCOM

COLEÇÃO E.BOOKS FAPCOM

FILOSOFIA

A Relação entre Técnica e Ecologia na Obra de Arte Contemporânea: Uma Leitura a partir do Martin Heidegger

LARISSA CHACON BATISTA

A Relação entre Técnica e Ecologia na Obra de Arte Contemporânea: Uma Leitura a partir do Martin Heidegger

PAULUS

Coleção E.books Fapcom

A Coleção E.books FAPCOM é fruto do trabalho de alunos de graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Os conteúdos e temas publicados concentram-se em três grandes áreas do saber: filosofia, comunicação e tecnologias. Entendemos que a sociedade contemporânea é transformada em todas as suas dimensões por inovações tecnológicas, consolida-se imersa numa cultura comunicacional, e a filosofia, face a esta conjuntura, nos ocorre como essencial para compreendermos estes fenômenos. A união destas três grandes áreas, portanto, nos prepara para pensar a vida social. A Coleção E.books FAPCOM consolida a produção do saber e a torna pública,a fim de fomentar, nos mais diversos ambientes sociais, a reflexão e a crítica.

Conselho Científico

Alessandra Barros Marassi
Antonio Iraildo Alves de Brito
Claudenir Módolo Alves
Claudiano Avelino dos Santos
Jakson Ferreira de Alencar
Valdir José de Castro

Livros da Coleção E.books FAPCOM

A COMUNICAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA LATINO-AMERICANA
Paulinele José Teixeira

ASCENSÃO DIALÉTICA NO BANQUETE
Iorlando Rodrigues Fernandes

COMUNICAÇÃO E AMBIENTE DIGITAL
Cinzia Giancinti

A ONTOLOGIA DA ALMA EM SÃO TOMÁS DE AQUINO
Moacir Ferreira Filho

PARA REFLETIR O QUE A GENTE ESQUECIA:
ANÁLISE DE VIDEOCLIPES DA BANDA O RAPPA
Talita Barauna

NARRATIVAS DA FRONTEIRA:
INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NAS
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS
Marcos Vinícius Lima de Almeida

O CINEMA TRASH E A RECICLAGEM DA INDÚSTRIA CULTURAL
Juliano Ferreira Gonçalves

O TRATADO SOBRE AS DUAS NATUREZAS DE BOÉCIO
ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CONTRAPOSIÇÃO
ÀS HERESIAS DE ÊUTIQUES E NESTÓRIO
Gabriel Anderson Barbosa

O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE
Gabriel Sanches Gonçalves

PEDRINHAS - A CIDADE E AS SOMBRAS
Guilherme Lazaro Mendes

BRANDING SENSORIAL: POTENCIAL E LIMITES
Amanda Mendes Zerbinatti

UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR
DE NARRATIVA TRANSMÍDIA BRASILEIRA
Fernanda Gonçalves dos Santos

COLCCI: DO FUNDO DO QUINTAL PARA SPFW- AS RELAÇÕES PÚBLICAS E O
MARKETING INTEGRADOS NO REPOSICIONAMENTO DA MARCA
Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO
Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA
Mário Henrique Miguel Pereira

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:
DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS
Matheus Campos da Silva

APPLE E O COMERCIAL TELEVISIVO “1984”:
ASPECTOS CULTURAIS E SEMIÓTICOS NA FORMAÇÃO DE BRANDING DA MARCA
Thiago Neves

WE LOVE BOOK
Silas Tarso Sales
Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO
Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA
Mário Henrique Miguel Pereira

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:
DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS
Matheus Campos da Silva

APPLE E O COMERCIAL TELEVISIVO “1984”:
ASPECTOS CULTURAIS E SEMIÓTICOS NA FORMAÇÃO DE BRANDING DA MARCA
Thiago Neves

WE LOVE BOOK
Silas Tarso Sales

NO ESCONDERIJO DO VERSO: ANÁLISE DO DISCURSO
RELIGIOSO DO PADRE FÁBIO DE MELO
Marcelo Lopes Staffa

O TEMPO CÍCLICO E A HISTÓRIA LINEAR EM AGOSTINHO
David Brendo Silva

EDUCAÇÃO E DISCIPLINA À LUZ DA MICROFÍSICA DO PODER DE
MICHEL FOUCAULT
Keller Reis Figueiredo

A FORÇA DO PRODUCT PLACEMENT NO YOUTUBE: UM ESTUDO DO CANAL
ACIDEZ FEMININA
Roberta Arello Bello Silva

O ATO DE VONTADE DAS CRIATURAS RACIONAIS EM SANTO AGOSTINHO
DANILO SERVILHA RIZZI

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
FORMAS COMUNICATIVAS PRATICADAS PELA COMUNIDADE DE NARCÓTICOS
ANÔNIMOS ATRAVÉS DO GRUPO DA PAZ
TAMIRES GOMES DA SILVA

O MAL COMO PRIVAÇÃO DO BEM:
A REFUTAÇÃO DE SANTO AGOSTINHO AO MANIQUEÍSMO
ELOI BATAGLION

REEXISTÊNCIAS:
AS PUNIÇÕES INSTITUICIONALIZADAS PARA NERGRITUDE FEMININA
THAÍS SOUZA ALMEIDA

A INDÚSTRIA DE CONSUMO A PARTIR DE ESTRATÉGIAS MERCADOLÓGICAS
DA TELENOVELA OS DEZ MANDAMENTOS
MAYSA SIQUEIRA

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação Editorial
Claudenir Módolo Alves
Alessandra Barros Marassi

Produção Editorial
Editora Paulus

Capa
Gledson Zifssak

Diagramação
Viviane Tamagawa
Revisão Gramatical
João Paulo Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Batista, Larissa Chacon

A relação entre técnica e ecologia na obra de arte contemporânea: uma leitura a partir do Martin Heidegger [livro eletrônico] / Larissa Chacon Batista. -- São Paulo: Paulus, 2019.

2 Mb (Coleção E.books FAPCOM)

Bibliografia.
ISBN 978-85-349-4749-7 (e-book)

1. Arte moderna - Séc. XXI - Técnica 2. Arte e ecologia 3. Heidegger, Martin, 1889-1976 - Crítica e interpretação 4 Reaproveitamento (Sobras, refugos, etc.) - Arte I. Título II. Série

19-0072 CDD 700
CDU 700

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte - Ecologia

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo – (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700 – Fax (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN: 978-85-349-4749-7

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar presente em todos os passos que eu dei para chegar a realização desse sonho que se iniciou a oito anos atrás.

Especialmente em a minha família e em especial minha mãe, por terem me dado toda base de educação, valores e sustento, que colaboraram fortemente para a realização desse sonho.

Intensamente ao meu Aristóteles por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial, por estar sempre comigo independente das barreiras que encontrei.

A todos os amigos que fiz nessa faculdade, por terem contribuído diariamente nas reflexões filosóficas que enriqueceu minha visão sobre o mundo. Sendo o mais importantes Carolina Fernandez, Matheus Peres, Luiz Benneton e em especial ao Alexandre Cardoso que sempre estava para além das minhas expectativas, sendo minha força constante no decorrer desse curso.

A todos meus amigos e principalmente pela participação especial da Fernanda Santos, por se fazer presente todos os dias, de preferência nos momentos mais difíceis do desenvolvimento dessa monografia.

Ao professor Claudenir Módono por me apresentar Martin Heidegger, acreditando na minha capacidade de estudar esse filósofo tão complexo.

Ao orientador e Professor Dr. Carlos Eduardo Souza Aguiar por me acompanhar nesse caminhar em busca da verdade, me fazendo entender o quanto a filosofia de Martin Heidegger é maravilhosa.

A FAPCOM e a todo corpo docente por terem me recebido de braços abertos, tornando possível a realização desse sonho da forma mais bela.

“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo.”

(Renato Russo)

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa é apresentar a relação entre a técnica e a ecologia na obra de arte contemporânea por meio do questionar ontológico abordando as reflexões filosóficas sobre a conferência "A questão da técnica" e o livro "A origem da obra de arte" ambas do filósofo Martin Heidegger. A princípio, é apresentado os conceitos sobre a técnica, com o propósito de construir a fundamentação teórica para o desenvolvimento dos próximos capítulos. Dessa forma, é apresentado o conceito de instrumentalidade da técnica a fim de evitar falsas interpretações. Posteriormente, é explicado os conceitos de técnica antiga, técnica moderna e a armação. Percorrendo esse caminho, chega-se a questão ecológica diante da técnica, que nos mostra o que a técnica moderna pode desvelar sobre sua essência, pondo em reflexão o problema do lixo eletrônico. Por fim, é apresentado os conceitos sobre a obra de arte a partir de Heidegger, dando base conceitual para compreender o que o filósofo entende por arte. Posto isso, é argumentando que a obra de arte contemporânea, sendo aquelas que são elaboradas a partir da reciclagem do lixo eletrônico, exerce o papel de ressignificação do lixo eletrônico, em busca de pôr o homem no seu destino, para ser desafiado pela essência da técnica moderna a fim de ter experiência com o que há de verdadeiro na técnica.

Palavras-chave: Técnica; Ecologia; Arte; Ressignificação; Heidegger.

ABSTRACT

The general aim of this research is to display the link between technique and the ecology in the contemporary work of art by the ontological questions, approaching the philosophical reflections about the conference ‘’ The Question Concerning Technology’’ and the book ‘’ The Origen of the Work of Art ‘’ both of them of Martin Heidegger. In the beginning, the concepts about technique are displayed in order to build the theoretical foundation to the development of the next chapters. By this manner, the concept of the use of the technique as instrument to avoid fake interpretations is showed. Afterwards, the concept of ancient technique, modern technique and frame. Going through this path, it reaches the ecologic question facing the technique, that shows what the modern technique may show about its essence, reflecting the issue of electronic garbage. In the end, the concepts about Heidegger’s work of art is displayed, giving conceptual base to understand what the philosopher understands about what isart. By this base, it is argued that the contemporary work, of art, being those that are elaborated from the recycling of the electronic waste, exercise the role of giving a brand new meaning to electronic garbage, in order to put the human being in its fate, to be challenged by the essence of the modern technique in order to get experience with what is true in the technique.

Keywords: Technique; Ecology; Art; Re-signification; Heidegger.

Sumário

Prefácio 15
Introdução 17
CAPÍTULO I
1 A busca pela essência da técnica 19
1.1 A instrumentalização da técnica 21
1.2 A origem da técnica moderna 31
1.3 A armação (ge-stell) 38
CAPÍTULO II
2 A questão ecológica do lixo eletrônico 51
2.1 A instrumentalidade da técnica como um problema ecológico*s* 54
2.2 O perigo ecológico que emerge na armação 58
CAPÍTULO III
3 A questão da obra de arte 61
3.1 Ressignificação do lixo eletrônico na obra de arte 74
3.2 Arte como possiblidade de salvação 77
Conclusão 87
Anexos 89
Referências 94

PREFÁCIO

Carlos Eduardo Souza Aguiar

É imprescindível para a compreensão dos grandes dilemas do século XXI abordar o problema da técnica, rejeitando imediatamente o caráter meramente instrumental. As novas formas de participação politica, as sociabilidades cotidianas, a fruição estética, a questão ecológica, todas essas questões e muitas outras que caracterizam o nosso presente são permeadas pela técnica e refletir filosoficamente sobre sua essência e eu papel é imprescindível para aqueles que não querem abdicar de entender a complexidade de nosso tempo. É essa sensibilidade filosófica o grande mérito de Larissa Chacon: abordar a questão da técnica buscando atualizar as reflexões de Martin Heidegger, uma das vozes fundamentais e contundentes nesse debate no século XX. O desafio não é dos menores, afinal, ela buscou refletir sobre um aspecto da técnica bastante negligenciado, o descarte cada vez mais incontrolado dos dispositivos e aparelhos, o famigerado lixo eletrônico, o grande refugo da modernidade.

Vale lembrar que Heidegger interroga-se sobre a essência da técnica alertando para a conveniência em não a confundir com os objetos técnicos: a especificidade da técnica é independente do dispositivo instrumental. Para Heidegger, a essência da técnica, que não é nada de técnico, não está ligada a uma prática, mas a uma maneira de desvelar o mundo. Nesta relação de desvelamento, há uma ação que pertence à produção, própria da técnica antiga, e aquela que pertence à provocação, característica da moderna tecnologia de máquinas. Assim, a essência da técnica moderna se encontra na armação, isto é, na conversão da natureza em mera fonte de energia.

Essa compreensão da essência da tecnologia ajuda a iluminar o tempo presente e entender como no lugar do paraíso terrestre instaurado pela tecnologia, como prometido por diversos messianismos modernos – como os de Francis Bacon, Saint-Simon, Augusto Comte ou Karl Marx – alcançamos a devastação do mundo e dos espíritos sintetizado atualmente na hipótese do antropoceno, um termo da cronologia geológica proposto para caracterizar a época da história da Terra na qual as ações humanas, sobretudo a partir do emprego da tecnologia, tiveram um impacto global e significativo sobre o ecossistema terrestre.

Inspirada na recorrente citação do poeta Hölderlin utilizado por Heidegger, “Onde cresce o perigo também surge a salvação”, Larissa

propõe agregar à reflexão filosófica um aspecto importante da arte contemporânea, as propostas estéticas que propõem uma ressignificação do lixo eletrônico, convertendo esses dejetos em obras artísticas. Trata-se de uma afinada sensibilidade em reconhecer que a armação da essência da técnica não se restringe a fabricação ou funcionamento dos aparelhos, mas também ao seu descarte. Transcorrido sua curta participação na vida social, graças ao ritmo incessante de inovações e a obsolescência programada, esses aparelhos continuam a devastar a natureza, poluindo solos com seus metais pesados. Neste sentido, as instalações sugerem, na esteira do pensamento de Heidegger, uma outra concepção de técnica, para além do instrumentalismo trágico e mais ligada à potência do destino, sublinhando uma necessidade de radicação, de criar vínculos e raízes. Trata-se de uma outra forma de sabedoria, como a sensibilidade ecosófica sugerida por Felix Guattari, que vislumbra não uma exploração da natureza, mas uma acomodação, deixando para traz o mito do progresso e a sua ideia obsessiva de, através da técnica, romper a participação mágica e a correspondência mística, aquilo que Max Weber chamou de desencantamento do mundo.

O que Larrissa nos sugere é que os limites perante os quais nos deparamos nesse fim de um mundo não será o ponto no qual tudo acaba, mas o ponto a partir do qual outro mundo passa a ser. Logo, a acomodação à essa época, a aprendizagem de uma nova forma de habitar uma terra devastada, exige, não uma rejeição da tecnologia, mas a busca de uma relação distinta, que, como nos alerta Heidegger, deve ser baseado na serenidade. Assim o lixo, sobretudo o eletrônico, não deve ser simplesmente rejeitado da esfera social, mas incorporado como matéria prima, inclusive da criação artística.

INTRODUÇÃO

A presente monografia tratar da relação entre a técnica e ecologia na obra de arte contemporânea, fundamenta nos conceitos apresentados na conferência "A questão da técnica" e no livro "A origem da obra de arte" do filósofo Martin Heidegger. Ambas obras filosóficas possuem significativa importância em si, como na sua contribuição na Filosofia Contemporânea, visto que tratam de temas relacionados à ontologia, ecológica, ética, arte.

Diante de todos os avanços tecnológicos desde o desenvolvimento da ciência moderna, apresento a reflexão filosófica de Heidegger como o meio que põe em questão a técnica para que seja possível resgatar o seu ser. À vista disso, aproximar-se da essência da técnica para compreende-la satisfatoriamente tendo em vista as consequências da sua utilização e descarte.

Amplia-se a pesquisa a fim de aprofundar a reflexão sobre a questão da técnica, levando em conta os problemas ecológicos decorrentes do descarte de aparelhos tecnológicos, como celulares, tablets como um meio de refletir sobre o problema do lixo eletrônico. Tendo como base a reflexão heideggeriana apresenta-se a arte como intermédio da solução para o descarte tecnológico que da manifestação artística que produz a obra de arte reciclável.

A pesquisa aborda especificamente a relação entre a técnica e a ecologia na obra de arte contemporânea, apresentando os conceitos que permeiam esses temas através do caminhar filosófico e reflexivo de Heidegger.

Busco apresentar e esclarecer os conceitos que permeiam a técnica e a ecologia expondo a relação entre ambas na obra de arte reciclável, por meio da abordagem filosófica que visa entender o cerne desses conceitos. Mediante ao estudo ontológico e etimológico é feita a investigação pelo cerne da técnica antiga e moderna, apresentando as distinções existente entre uma e outra técnica. É introduzido a questão ecológica sobre o lixo eletrônico, mostrando como a técnica contribui para o descarte de aparelhos tecnológicos. Posto isso, é explicado como ocorre a relação da técnica e a ecologia na obra de arte que tem como matéria prima essa categoria de lixo.

A abordagem metodológica dessa investigação é de Pesquisa qualitativa de levantamento de dados de natureza teórica, através da análise e descrição bibliográfica é construído esse estudo. A pesquisa tem como fundamentação bibliográfica a conferência "A questão da técnica" e a

obra "A origem da obra de arte", do filósofo Martin Heidegger. Apresento e analiso os principais conceitos sobre a temática tratada. Ampliando o estudo através da leitura e apresentação de comentadores teóricos que tratam de assuntos semelhante dos desenvolvidos nessa monografia.

O desenvolvimento desse estudo possui três capítulos com o objetivo de apresentar os principais conceitos que dão base para o tema abordado junto as análises das obras de arte apresentadas. No primeiro capitulo é tratado a questão da técnica, é explicado as origens do seu significado etimológico e ontológico a fim de aproximar a essência da técnica, a princípio é explicado o significado da técnica antiga e posteriormente a técnica moderna, no desenvolvimento desses conceitos são apresentadas as possíveis interpretações incorretas e o que consiste na sua essência.

No segundo capitulo é apresentado a questão ecológica sobre o lixo eletrônico explicando como esse material colabora para a poluição do meio ambiente e quais possíveis danos à vida ele é capaz de provocar. Além disso, é apresentado a problemática sobre a relação da técnica e o problemas ecológicos como a abordagem instrumentalista e as questões ecológicas que emergem da armação.

Por fim, é apresentado no último capítulo os principais conceitos de Heidegger sobre a obra de arte, afim de estabelecer base para o desenvolvimento dos textos posteriores que explica como ocorre a ressignificação do lixo eletrônico na obra de arte e a arte como possibilidade de salvação, em decorrência da ressignificação dessa categoria de lixo.

Com base nos conceitos filosóficos de Heidegger, parto da hipótese que o pôr em reflexão a questão da técnica, aponta-se problemas ecológicos que podem ser abordados na problemática do lixo eletrônico como meio de solução na sua reutilização. O lixo é ressignificado e base para o criar da obra de arte reciclável. A manifestação artística acontece no que põe a arte em obra para o desvendar da verdade. Através da reciclagem do lixo para o elaborar da arte que traz a frente a obra de arte como meio de abertura para a reflexão sobre o que há de verdadeiro em seu ser. Através dos estudos e interpretações efetuados nessa pesquisa foi possível encontrar a relação entre a técnica e a ecologia na obra de arte, explicando e relacionando o tema ao projeto Arte reciclável. O projeto é desenvolvido pelo artista Gilberto Vieira Mendes, que reutiliza o lixo eletrônico na criação de obras de arte, dando novo significado ao material, concomitantemente favorecendo a reflexão e consciência sobre os problemas ambientais decorrentes dos descartes de aparelhos eletrônicos, servindo de amostra para compreender a relação apresentada nesse estudo.

CAPÍTULO I

A BUSCA PELA ESSÊNCIA DA TÉCNICA

Esse capítulo apresentará os principais conceitos da conferência "A questão da técnica"[1], proferida por Martin Heidegger em 1953, a fim de fazer reflexões filosóficas que permitam entender a relação entre a técnica e as ecologias na obra de arte contemporânea que tem como principal matéria prima o lixo eletrônico.

Nessa conferência, Heidegger segue a ideia de construir um caminho livre de preconceitos sobre a questão da técnica. Esse caminho é feito de reflexões filosóficas que buscam estar mais próxima possível de uma experiência verdadeiramente técnica, e trabalha-se constantemente a reflexão sobre os temas, muitas vezes voltando aos assuntos que já foram tratados para que seja colocado novamente em reflexão, e desse modo consiga reforçar sua argumentação. O caminho percorrido por Heidegger é o caminho do pensar, de pôr em questão, de refletir ontologicamente e de buscar aproximação com o que há de essencial na técnica.

Nossos pensamentos são carregados de várias concepções sobre a técnica através do que aprendemos no cotidiano, essas concepções são resgatadas e colocadas em reflexão nessa conferência com o propósito de nos livrar de todos os preconceitos que possivelmente nos afaste do experienciar livre da mesma.

Para saber o que Heidegger entende sobre o termo pensamento, apresento uma citação tirada de seu texto "Carta sobre o humanismo":

> O pensamento apenas a restitui ao Ser como algo que lhe foi entregue pelo próprio Ser. Essa restituição consiste em que, no próprio pensamento, o Ser se torna linguagem. A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe

1 A conferência A questão da técnica (Die Frage narch der Technik) ocorreu no dia 18 de novembro de 1953 no Auditorium Maximum da Escola Superior Técnica de Munique, que fez parte das conferências sobre o tema As artes na época da técnica, produzido pela Academia Bavára de Belas artes. A primeira publicação do texto foi pelo III anuário da Academia (Redação: Clemens Graf Podewils), R. Oldenbourg München, 1954, p. 70 e ss. O texto usado como base bibliográfica dessa monografia foi traduzido por Marcos Aurélio Werle (2007) a partir da coletânea Conferências e ensaios (Vorträge und Aufsätze), 2a. ed. Tübingen, Günther Neske Pfullingen, 1959.

> servem de vigias. Sua vigília é consumar a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conserva na linguagem. (HEIDEGGER, 1995 p.24)

Uma vez que o "Ser" se apresenta a uma pessoa ele é inteligido e se constrói o pensamento que retorna ao "Ser" através da linguagem aquilo que já havia apresentado, ou seja, é pelo intelecção que se apreende a ideia do ser que dá "forma" ao pensamento, por meio disso é possível dar nome ao que foi apreendido. Dessa forma, primeiro apreendemos o "Ser", depois pensamos e estruturamos nossas ideias sobre ele, e assim apresentamos o que ele nos mostrou. O pensamento está em torno do que o "Ser" nos apresenta, em compreender como ele se mostra, em pensar sobre o "Ser" e entender o que ele é. O retorno do pensamento ao Ser acontece quando o mesmo se torna linguagem, o indivíduo consegue exteriorizar pela linguagem o que apreendeu do Ser.

Procurar entender o Ser por intermédio do pensamento é algo que Heidegger faz constantemente quando se põe em busca da essência da técnica, tentando apreender o que é a técnica através da investigação ontológica. Isso faz com que ele chegue cada vez mais próximo do que consiste o Ser da técnica. Resgatando a busca pelo Ser na filosofia, por meio da construção de pensamentos que se transformam em linguagem, são criados conceitos que dizem sobre o que é essencial do Ser e não sobre ideias pré-estabelecidas que não dizem o que realmente é o Ser.

O pensar nos conduz a criar conceitos que no texto supracitado é denominado como restituição do Ser. Pode-se considerar que o Ser da técnica se mostra, e a partir disso criamos sua conceituação por meio do pensamento. Nesse ponto o autor defende que o Ser da técnica através da conceituação se transforma em linguagem recebendo um nome, pois é a linguagem permite exteriorizar o que é pensado.

Devemos levar em conta que o pensamento deve ser guiado por um caminho que mostre a verdade sobre o Ser, na conferência "A questão da técnica" o filósofo argumenta que é necessário se distanciar de todos os preconceitos que restituímos enganadamente sobre a técnica de modo que nos permita a relação livre, capaz de estabelecer aproximação do nosso Ser com a essência da técnica.

O filósofo explica detalhadamente os problemas sobre entender a técnica com uma visão neutra, ou como algo completamente negativo ou positivo, propondo distanciamento de todos esses julgamentos para que se atenha na busca pelo Ser permitindo conhecer primeiramente o que ela é, para que depois seja possível refletir sobre o que ela nos proporciona com o seu Ser.

> O pensamento não se transforma em ação por dele emanar um efeito ou por vir a ser aplicado. O pensamento age enquanto pensa. Seu agir é de certo o que há de mais simples e elevado, por afetar a referência do Ser ao homem. Toda produção se funda no Ser e se dirige ao ente. O pensamento ao contrário se deixa requisitar pelo Ser a fim de proferir-lhe a Verdade. (HEIDEGGER, 1995, p.24)

Desse modo, quando Heidegger diz sobre o questionar que constrói um caminho, se refere ao questionar ontológico que buscará a essência da técnica, e apenas com essa postura será possível chegar mais próximo dessa essência. O filósofo permanecerá com esse tipo de abordagem durante todo o desenvolvimento do texto. Esse modo de pensar deve ser constante, conforme a citação acima.

O pensar é ação enquanto acontece, quando o pensamento é interrompido já não está mais agindo em busca do Ser, colocando-se distante do que pode ser verdade. A acessibilidade ao Ser se dá mediante ao pensamento, o homem que se põe a pensar sobre a técnica, se abre ao seu Ser o que possibilita ele desvendar a verdade que consequente se dá à experiência com a pura técnica.

1.1 A instrumentalidade da técnica

No questionar sobre a técnica, o pensador aponta desde as técnicas mais antigas às técnicas mais avançadas e abordagens com perspectivas otimistas ou pessimistas. O primeiro ponto de vista citado entende a técnica como a solução para todos os problemas humanos, visto que ela sempre está e sempre estará propagando avanços contínuos que visam sempre o benefício da humanidade. Enquanto os pessimistas defendem que a técnica ameaça a existência da vida humana, que seu desenvolvimento não oferece benefícios ao mundo, mas sim a degradação de toda natureza e consequentemente a devastação da humanidade.

Na conferência "A questão da técnica", Heidegger vai contra esse modo de julgamento que conduz a um pensamento dualista, pois dessa forma de pensar a técnica não leva à essência do seu Ser, leva apenas a uma visão superficial do que ela pode ser. Essa investigação deve ser feita filosoficamente para que seja possível caminhar ao encontro do seu destino. É relevante ressaltar que o autor propõe essa abordagem filosófica pela técnica, tendo como contexto o pós-guerra da Segunda Guerra Mundial, que faz parte do cenário de inúmeros desenvolvimentos tecnológicos, que colaboraram com o decorrer da guerra.

O objetivo do autor em explicar a interpretação instrumentalista da técnica é justamente de livrar-se desses preconceitos que entende a técnica como uma exterminadora dos humanos ou como a salvação da humanidade, ou ainda com uma ideia neutra. Após desconstruirmos esse tipo de pensamento que está constantemente presente no cotidiano, conseguimos mais proximidade de ter uma relação livre com a técnica e a partir disso é possível iniciar a análise profunda de cunho ontológico sobre a técnica.

Quando nos colocamos em busca da essência com base nos conceitos heideggerianos é necessário entender que "A essência da técnica também não é de modo algum algo técnico" (HEIDEGGER,2007, p.376). Dessa forma, sua essência não é composta da técnica, e se a busca estar apenas ao que é estritamente técnico, e não é possível conhecer o que está além dela. Isso acontece quando abordamos a técnica pela utilidade ou como uma manipulação humana, referente a uma visão instrumentalista que tem a técnica como algo completamente dominado pelo homem. Distanciar-se desse tipo de interpretação evita compreensões errôneas que nos leva a entender que o homem é senhor da técnica, se considerar que a essência da técnica pode estar em aspectos que estão além da própria técnica.

Heidegger apresenta duas determinações sobre o que pode ser a técnica: "técnica é um meio para fins" e "técnica é um fazer humano". Não se pode defender que essas duas afirmações sejam incorretas, pois além de estarem correlacionadas elas fazem parte do que compõe a técnica. Todas as elaborações, instalações e aparelhos precisam ser manipulados pelo humano e possuem uma utilidade objetiva, esses aspectos fazem parte do ser da técnica. Apenas não se pode enganar acreditando que a essência da técnica esteja nessas duas características, pois ela não consiste em apenas um fazer humano, assim como não é só um meio para fins. Sua complexidade nos mostrará que a sua essência é muito mais do que esses dois aspectos.

A relação instrumental que o homem tem com a técnica consiste em usá-la sem nenhum tipo de reflexão sobre o seu Ser, tem como principal foco a sua utilidade e considera que a técnica só é realmente útil quando oferece algum tipo de benefício. Caso a técnica não seja mais útil ao humano, ela então passa a ser algo descartado, assim como acontece seu uso sem reflexão, também pode acontecer o seu descarte. Essa questão não foi tratada por Heidegger, por esse motivo, será tratada detalhadamente no próximo capítulo.

Retornando à questão da instrumentalidade, quando o pensador expõe esse raciocínio, ele diz que essa relação limita tanto a visão do homem sobre a técnica que o homem passa a se tornar refém da própria técnica não sendo capaz de perceber a possibilidade de desvendamento da verdade.

Ter uma postura neutra sobre a técnica também é considerado errado por Heidegger. Primeiramente, essa postura não diz respeito à técnica, pois não se tem como principal foco a questão do seu Ser, e se trata principalmente o que ela pode proporcionar conforme a situação, com relação benéfica ou maléfica segundo sua interação com o humano, logo não é possível encontrar um único posicionamento sobre a própria técnica. Em segundo lugar, trata-se da relação entre o humano e técnica, o que caracteriza como um estudo antropológico que leva em conta a sua relatividade diante do modo como o humano usa a técnica. Exemplo: quando um aluno usa o aparelho celular em sala de aula para pesquisar uma informação pertinente ao tema estudo, ele está fazendo uso desse aparelho para seu benefício, enquanto o mesmo aluno em outra aula pode usar o aparelho para distrair-se da aula, e assim tornar o mesmo aparelho prejudicial ao seu desempenho escolar. Da mesma forma que um homem com uma arma pode usar a máquina para se defender, assim como pode usar a máquina para a violência.

A ideia instrumental sobre a técnica pode nos desviar de sua essência, mas não consiste em uma interpretação errada quando considera seu aspecto instrumental apenas como parte de sua composição, ou seja, apenas uma de suas características o que não diz respeito à sua essência.

> O aprontamento e o emprego de instrumentos, aparelhos e máquinas, o que é propriamente aprontado e empregado por elas e as necessidades e os fins a que servem, tudo isso pertence ao ser da técnica. O todo destas instalações é a técnica. Ela mesma é uma instalação: expressa em latim, um instrunentum. (HEIDEGGER, 2007, p.376)

Conforme a citação deve-se considerar que a instrumentalidade é parte do que compõem a técnica, mostrando que ela não é o todo da técnica, muito menos sua essência. No desenvolvimento desse raciocínio, o autor ressalta que a desconstrução da ideia de instrumentalidade é imprescindível para caminhar ao encontro da essência da técnica, porque existe dificuldade de se desprender desse conceito que reduz nossa relação com a técnica apenas a uma questão de manipulação. Quando se pensa em técnica logo vem em mente um método ou algum tipo de tecnologia, associado diretamente a algo prático ou concreto, pouco se reflete sobre o que realmente consiste a existência da técnica no mundo e quais são as consequências de sua existência diante desse modo de entender a técnica.

Esse tipo de relação instrumentalista não está limitado a um tipo de técnica específica, pois ela abrange da técnica antiga à técnica moderna, o que de modo algum nega seu aspecto instrumental. Em vista disso, a técnica

moderna também pode nos tornar refém enquanto não desconstruirmos os preconceitos sobre ela. Sua essência não deve ser entendida como algo a ser dominado pelo humano, por mais que aparentemente isso pareça ser algo essencial quando estamos diante de alguma máquina ou outros tipos de técnica, conforme é defendido por Heidegger.

> É correto dizer: também a técnica moderna é um meio para fins. Por isso, todo esforço para conduzir o homem a uma correta relação com a técnica é determinado pela concepção instrumental da técnica. Tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio. Pretende-se, como se diz, "ter espiritualmente a técnica nas mãos". Pretende-se dominá-la. O querer-dominar se torna tão mais iminente quanto mais a técnica ameaça escapar do domínio dos homens. (HEIDEGGER, 2007, p.376)

A importância da desconstrução desses modos de compreensão instrumentalista da técnica é entender que ela está além de um simples aparelho que tem uma vida útil e que deve funcionar perfeitamente conforme o que foi oferecido em sua venda. É importantíssimo que o aparelho seja útil a ponto de funcionar conforme o que foi prometido, mas a questão sobre a técnica vai muito além de um aparelho que funcione bem, ou qualquer outro tipo de benéfico que a técnica possa oferecer. O que o filósofo alemão propõe é uma reflexão que vai além do que é simplesmente útil para o que a técnica tem a nos revelar, um desses aspectos pode ser refletido sobre o descarte dos tipos de tecnologias existentes. E fica a questão: O que a técnica revela quando já não é mais útil?

Sabendo que é correto considerar que a instrumentalidade é parte do que compõe a técnica, a sua essência não se evidencia. Heidegger, diz que não é possível aproximar-se da verdade sabendo apenas o que é correto, a busca que devemos fazer é pela verdade, pois ela pode aproximar ao máximo da essência da técnica. Sendo assim, não devemos buscar apenas o que é correto sobre a técnica, devemos focar na busca pelo o que o seu Ser tem de verdadeiro em seu cerne, esse caminho nos possibilitará a aproximação com a sua essência. Levando em conta que "Somente o verdadeiro nos leva a uma livre relação com o que nos toca a partir de sua essência"(HEIDEGGER, 2007, p.377), não se deve entender que o correto vai revelar algo sobre a essência do Ser. Então para que seja revelada a verdade, antes é necessário saber qual é a origem da ideia instrumentalista, a fim de desconstruir a raiz do conceito que nos afasta do que é verdadeiro sobre a técnica.

Ao descobrir a origem da instrumentalidade da técnica, será possível identificar o cerne dessa interpretação e, posteriormente, entender como

se deu essa ligação permitindo uma visão mais ampla sobre o que justifica e o modo como ocorrem às relações. Essa origem é encontrada por Heidegger nas quatro causas aristotélica consideremos:

> Um meio é algo pelo qual algo é efetuado e, assim, alcançado. Aquilo que tem como consequencia um efeito, denominamos causa. Contudo, não somente aquilo mediante o qual uma outra coisa é efetuada é uma causa. Também o fim, a partir de que o tipo do meio se determina, vale como causa. Onde fins são perseguidos, meios são empregados e onde domina o instrumental, ali impera causalidade <Ursächlichkeit>, a causalidade <Kausalität>.
>
> Há séculos a filosofia ensina que há quatro causas: 1. a causa materialis, o material, a matéria a partir da qual, por exemplo, uma taça de prata é feita; 2. a causa formalis, a forma, a figura, na qual se instala o material; 3. a causa finalis, o fim, por exemplo, o sacrifício para o qual a taça requerida é determinada segundo matéria e forma; 4. a causa efficiens, o forjador da prata que efetua o efeito, a taça real acabada. (HEIDEGGER, 2007, p.377)

O autor coloca em questão a teoria de Aristóteles, justamente por encontrar nela a fundamentação e a interpretação instrumental da técnica, colocando em dúvida as afirmações das teorias para abordar filosoficamente, levanta-se questões a fim de entender o assunto por incansáveis reflexões. Segundo esse questionamento percebemos que a visão instrumental se fundamenta na ênfase que é dada a causa efficiens. A princípio o significado de causa é assimilado como algo que funciona com efeito, ou seja, é apenas entendida como o que deve oferecer resultado, um fruto, um produto etc. Juntando os termos causa e efficiens determina-se a eficiência da causalidade, nesse ponto a causa final é esquecida, dando mais destaque à causa efficiens que fundamenta a compreensão da técnica como algo instrumental.

Se formos exaltar mais a causa efficiens, passamos a considerar as outras causas como menos importantes, sendo que as coisas são construídas com base no conjunto das causas e do comprometimento entre todas conseguimos chegar a um resultado. Nesse ponto o autor defende que as quatro causas sempre foram abordadas de modo errado, quando se considera o significado fundado no que os romanos traduziram do grego para o latim, usando a palavra com o sentido de reagir ou efetuar. A origem da palavra mora no idioma grego antigo, dessa forma quando é usado por Aristóteles, o termo tem o sentido de comprometimento, dessa forma a palavra é usada com o objetivo de mostrar o comprometimento

entre os quatros aspectos do processo que é entendido como um todo, ou seja, o comprometimento entre as quatro causas em si.

> A prata é algo a partir de que a taça de prata é feita. Ela é, enquanto essa matéria (Ûlh), cúmplice da taça. Esta deve à prata, isto é, agradece à prata por aquilo em que subsiste. O libatório, porém, não somente deve algo à prata. Enquanto taça, o que está comprometido com a prata aparece no aspecto de taça e não no de uma fivela ou de um anel. O libatório, desse modo, é imediatamente dependente do aspecto (ei'doj) da taça. A prata, por onde o aspecto enquanto taça penetrou, e o aspecto, por onde a prata aparece, ambos estão a seu modo comprometidos com o libatório. (HEIDEGGER, 2007, p.378)

Nesse trecho citado, Heidegger ilustra como acontece o comprometimento das primeiras duas causas, sendo a prata a causa materialis e a taça, a causa formalis. As duas estão comprometidas entre si para que seja possível a efetivação da taça, então a forma de taça possibilita sua existência por meio da matéria da prata, por viabilizar a materialização e a presentificação da sua forma de taça, assim como a prata permite a taça por dar forma a sua materialidade. Com isso, temos os dois primeiros comprometimentos.

O terceiro comprometimento entre as causas está no forjador que tem o papel de refletir sobre os três primeiros modos de comprometimento, ou seja, ele reflete sobre o seu em fazer da prata uma taça. O significado etimológico do vocábulo vindo do grego refletir, trazer à frente ou levar à luz. O papel do forjador que reflete sobre os três comprometimentos tem o objetivo de trazer algo à frente, assim como produzir garante a prata e a forma de taça por dar a possibilidade de reflexão e do fazer a taça.

Conforme a ilustração que Heidegger faz sobre o comprometimento entre as causas fica claro que o significado de comprometimento no processo do produzir gera uma dependência entre as quatro causas, que é essencial para o processo acontecer e ser consistente.

> Nós, contemporâneos, tendemos muito facilmente a compreender o comprometimento moralmente, como falta, ou o interpretamos como um tipo de atuar. Em ambos os casos barramo-nos o caminho para o sentido inicial do que mais tarde se denominou causalidade. Enquanto este caminho não se abre, também não conseguimos visualizar o que é propriamente o instrumental, que reside no que é causal. (HEIDEGGER, 2007, p.379)

Semelhante ao que já foi explicado sobre a interpretação errônea do significado de causa, o autor apresenta na última citação relacionando a isso o entendimento incorreto da palavra comprometimento, que muitas vezes é vista baseado na moral, da falta ou do fazer chegando ao significado de causalidade. O termo comprometimento leva a palavra ocasionar, porque no idioma grego antigo o ocasionar é considerado a essência da causalidade. Dessa forma sabemos que o ocasionar está no cerne da causalidade, ele se mostra no momento em que permite a presença do que antes não estava presente, ele traz a frente algo, que efetiva o produzir. O ocasionar é o resultado da reflexão do forjador que foi provocado a produzir a taça e tem como resultado a própria taça, sendo ela o ser desvelado. Heidegger, explicita nesse ponto a necessidade de seguirmos esse caminho de desconstrução da perspectiva instrumentalista da técnica, caso contrário continuaremos reféns desse pensamento que é presente na causalidade, mas não na essência da técnica.

Sendo assim, o filósofo está constantemente em busca da essência da técnica e acha necessário seguir esse caminho para que nos liberte da visão instrumental da técnica, isso recebe atenção especial do autor, porque considera primordial ter a liberdade de se relacionar com a técnica para que assim seja possível estabelecer aproximação em experimentá-la sem preconceitos. Outro aspecto importante é sempre levar em conta o comprometimento que existe entre as quatro causas, que têm consequentemente o ocasionar, que provoca o produzir.

Após entendermos em que consiste a interpretação instrumentalista sobre a técnica, onde encontramos sua origem e os motivos de não abordarmos a técnica dessa maneira, chega-se a compreensão do que provoca o comprometimento das quatro causas, esse provocar reside no ocasionar que traz algo a frente e nos apresenta o que há de essencial da técnica antiga.

A princípio, onde está a ligação entre o comprometimento das quatro causas com a essência da técnica antiga? Segundo o pensador, a relação entre ambos está no produzir, nas quatro causas aristotélicas nós temos o comprometimento que ocasiona o produzir de uma obra de arte, de um alimento ou de um instrumento. Como foi apresentado, o ocasionar é o que provoca o produzir, é o que traz a frente algo que é fruto, por exemplo: quando a árvore produz maçã, nela estava todas as quatro causas que a permite ter como resultado a maçã. Isso consiste no que o filósofo alemão considera como *poiesis* natural, que significa a produção natural, que não tem intervenção do homem para acontecer. Na técnica antiga o comprometimento está intrínseco, porque é através das quatro causas que a técnica antiga é capaz de produzir algo, a diferença está no fato da técnica não ser um produzir natural presente

em toda dinâmica da natureza. A técnica precisa necessariamente da intervenção do homem para que o produzir aconteça. Dessa forma, o homem faz parte do produzir por meio dessa atividade ele é capaz de trazer algo à frente, desvelando a essência da técnica antiga.

> Tanto é assim que, no plano do acontecer natural, o que vem a aparecer depende da natureza como poiesis, no caso a auto-produção natural que não poderia ser entendida como uma operação de fazer. A diferença é que, quando algo é tecnicamente produzido, esse deixar aparecer ocorre por intermédio da técnica e do técnico, e não por meio de um processo "natural". Mas de qualquer modo trata-se de um desocultamento, de um deixar vir à luz: acontecimento ou aparecimento. Vê-se então o que teria de reducionista a interpretação em termos de relação entre meios e fins, no sentido estritamente instrumental. (SILVA, 2007, p.370)

Nesse texto citado, Silva explica em que consiste o auto-produzir natural, esse modo de produção não pode ser entendido como o mesmo que fazer, porque o produzir da natureza é diferente do produzir da técnica, a natureza produz a fruta, a rocha ou as nuvens a partir dela mesma, diferentemente a produção vinda da técnica necessita extrair matéria prima da natureza para que possa trazer algo a frente. Enquanto que a produção feita através da técnica ocorre pela habilidade de fazer algo do técnico, o homem para produzir algo deve evidentemente ter essa habilidade do fazer se autodenominando técnico no seu produzir. Dessa forma, a técnica não consiste no auto-produzir, levando em conta que para a produção acontecer é necessário também ter a matéria que será moldada. O técnico por meio da sua habilidade de produzir traz algo à luz, apresenta o desocultamento do que antes estava encoberto e assim apresenta o que foi produzido. A semelhança entre o produzir da natureza e o produzir do homem é que ambos são rios diferentes que deságuam no mesmo fim, sendo esse fim o desvendar da verdade.

> Por onde nos perdemos? Questionamos a técnica e agora aportamos na αλήθεια, no desabrigar. O que a essência da técnica tem a ver com o desabrigar? Resposta: tudo. Pois no desabrigar se fundamenta todo produzir. Este, porém, reúne em si os quatro modos de ocasionar – a causalidade – e os perpassa dominando. A seu âmbito pertencem fim e meio, pertence o instrumental. Este vale como o traço fundamental da técnica. Questionemos passo a passo o que a téc-

> nica representada como meio é em sua autenticidade e então chegaremos ao desabrigar. Nele repousa a possibilidade de todo aprontar que produz algo. (HEIDEGGER, 2007, p.380)

Conforme as palavras de Heidegger na citação, o produzir está diretamente ligado à verdade, é mediante a todo esse processo do produzir que a verdade é desvelada. Sendo assim, quando estamos em busca da essência da técnica antiga, estamos em busca de nos aproximar do modo como ela expõe a verdade. Assim como o filósofo defende, considerar que todo esse processo que compõem a técnica seja apenas um meio de fazer do humano é minimizar e tratar a técnica de modo alienado, pois isso não considera toda sua complexidade e elimina a possibilidade de sequer saber o que a técnica tem a nos mostrar, quanto mais descobrir o que ela constantemente pode nos revelar.

Pode-se nesse ponto uma reflexão sobre uma das possíveis revelações que a técnica pode oferecer, quando na obra de arte do Gilberto Vieira Mendes usa o lixo eletrônico como matéria prima de suas obras. Referente ao que a técnica moderna pode nos mostrar serão tratados nos próximos capítulos, mas também quanto ao produzir da obra de arte pode-se pensar com base no que já foi exposto sobre a técnica antiga. A obra de arte reciclável é feita pela intervenção de Mendes para que ela seja produzida. Dessa forma, o artista reflete sobre a matéria que tem disponível e sobre a forma que a obra terá, e por meio desse refletir ele é capaz de se comprometer com a matéria e a forma para que se efetive o produzir. Quando Mendes traz sua obra à frente, o que a ela pode revelar quando deparamos com um robô feito de uma câmera fotográfica e uma webcam que foram descartadas, o que dá base para o robô é a placa mãe de um computador que também já não era mais usada conforme ilustrado na figura abaixo[2].

2 Essa fotografia foi tirada pela equipe do jornal Folha de São Paulo na exposição E-lixo É-lixo em cartaz no Espaço Cultural Capgemini no bairro de Alphaville Barueri SP. A obra de arte reciclável é de Gilberto Vieira Mendes.

Figura 2: Robô feito de lixo eletrônico

Fonte: AGUNZI 2014

Na própria estrutura da obra é possível identificar o que cada aparelho eletrônico era antes de se tornar lixo, e conseguimos ver ao mesmo tempo que não se trata mais de um aparelho e sim de uma obra feita do que restou de tecnologia.

Devemos pensar com a base no que Heidegger nos apresenta sobre a técnica antiga, que a produção artística está diretamente ligada e esse modo de desvelar a verdade por meio do produzir. É assim que Mendes se compromete em nos mostrar que o lixo eletrônico, que antes era um material aparentemente insignificante, passa a ser ressignificado por intermédio do produzir artístico. O fato de o lixo ser transfigurado na obra de arte nos faz pensar de modo geral sobre tudo o que produzimos de lixo e qual é a potencialidade desse em ser empregado de uma outra maneira que não atribua a esse material a qualidade de inutilizável.

Heidegger não deixa de mencionar a origem da palavra técnica que vem do grego, a palavra técnica origina da palavra *téchne*, que não significa apenas a habilidade de fazer do humano, mas também o produzir artístico que está mais próximo de um produzir poético. Dos gregos mais antigos até o tempo de Platão, a palavra técnica possuía o significado de habilidade em fazer alguma coisa, até Aristóteles restringir o significado dessa palavra ao produzir que desvela algo, ligando a palavra técnica ao significado de verdade. Esse significado aborda o produzir que não é natural, ou seja, o que é produzido pelo homem, antes de acontecer esse produzir algo está oculto e após ocorrer a produção acontece o desocultamento do ente.

Quando o artista Mendes produz o robô feito de material reciclável, ele não possui apenas a habilidade de transformar o lixo em uma obra de arte. Mostra que a técnica não se resume a um meio de fazer do humano, mas também proporciona por via do produzir a exposição do que estava oculto sobre o ser da obra de arte. Isso evidencia que a técnica está diretamente ligada ao que desvela através do produzir, essa obra que foi elaborada pelo artista é o resultado que a técnica proporciona o levar a frente a partir do que é produzido pela matéria.

1.2 A origem da técnica moderna

A partir do século XVI, ocorreram significativos avanços na ciência fundamentado em estudos empíricos, teóricos e práticos sobre a natureza, o que aparentemente dá base para o desenvolvimento tecnológico. Quando nos deparamos com esse panorama, acreditamos que tudo o que estava sendo produzido na ciência moderna daria base para o desenvolvimento tecnológico, mas neste ponto Heidegger discorda dessa forma de interpretar dos fatos. Esse texto mostrará o motivo que leva o filósofo a discordar desse modo de entender o desenvolvimento da técnica nesse contexto histórico, concomitantemente será apresentado o que é a essência da técnica moderna.

O desenvolvimento científico moderno é entendido como um grande avanço da humanidade, quando a razão é profundamente glorificada. Vista como a fonte de solução de todos os problemas da humanidade, essa visão otimista sobre a potencialidade da inteligência humana diante dos mistérios da natureza deu origem a uma ilusão sobre os próprios aparelhos que foram criados nessa época. Quando nos deparamos com essas concepções vindas de pensadores atuais percebemos que ainda estamos repletos desse modo de pensar sobre o desenvolvimento cientifico e tecnológico, pois é vista como a solução para todos os problemas.

É importante entender a relação entre as ciências modernas e a técnica moderna, pois dessa relação será possível compreender como surge a essência dessa nova técnica. O filósofo defende que a descoberta da física consiste na preparação da essência da técnica moderna e não a origem da mesma. Dessa forma, essa essência já solicitava o homem ao desenvolvimento das ciências para que preparasse uma infraestrutura teórica que tornasse possível o surgir da técnica moderna.

Quando temos em mente o descobrimento das ciências modernas vem a ideia que a sua origem se deu pura e simplesmente pela capacidade

racional do ser humano. Heidegger discorda dessa ideia, e acredita que o homem respondeu a um chamado da armação, que consiste na essência da técnica moderna. Dessa forma a armação solicita o homem antes mesmo do próprio surgir dessa nova técnica.

O filósofo explica o que é essencial permanece por muito tempo encoberto, o homem consegue conhecer isso após um longo período de tempo, conforme o que os pensadores gregos acreditavam, o que é primordial primeiro existe para depois se manifestar para o homem. Nesse ponto mora a necessidade de pensarmos cada vez mais questionando onde se dá o iniciar das coisas, para que seja possível encontrar onde está a essência do que pretende ser conhecido.

Sabe-se que historicamente a ciência moderna surgiu no século XVII, e que a técnica moderna aparece na metade do século XVII, essa é uma das bases que os cientistas se apoiam na hora de argumentar que a ciência é a origem da nova técnica. Mas para o Heidegger, essa interpretação da história está incorreta, quando ele descobre a armação, e assim percebe que as ciências estavam respondendo a um chamado da própria essência.

> Porque a essência da técnica moderna reside na armação, esta necessita empregar a ciência exata da natureza. Desse modo, nasce a aparência enganadora de que a técnica moderna é uma ciência da natureza aplicada. Esta aparência se sustentará até que a proveniência essencial da ciência moderna e a essência da técnica moderna sejam adequadamente questionadas. (HEIDEGGER, 2007, p.387)

Conforme a citação, enquanto não for questionado devidamente o que ocasiona a técnica moderna em seu cerne não será possível reconhecer de onde surge a ciência moderna. Isso envolve a postura do homem diante do conhecimento que possui em suas mãos, quando se entende que a ciência moderna ocorre devido a um chamado da armação, o homem sai de centro, percebe que não é a fonte de todo o que foi descoberto, mas o que intermediou o conhecimento a partir do solicitar da armação.

Após a Segunda Guerra Mundial, a ciência e a tecnologia passam a ser entendidas de um modo diferente, o que antes era considerado como constante desenvolvimento científico tecnológico a favor da humanidade, passa a ser questionado e criticado graças às intervenções que os desenvolvimentos tecnológicos possibilitaram na guerra, colocando em questão se realmente todos esses avanços tecnológicos foram apenas para o benefício e prosperidade da humanidade. Dessa forma, a mesma técnica que antes da guerra era base de todas as soluções, no pós-guerra, é entendida como a potencialidade da

devastação humana. Com base nesse contexto, Heidegger propõe reflexões sobre a tecnologia moderna, em busca de uma abordagem filosófica que possibilita deixar o estado de alienação, para uma análise filosófica sobre a essência dessa técnica.

Para que seja possível a aproximação com a essência da técnica moderna, não se pode esquecer que a técnica não pode ser abordada pelo seu caráter instrumental, porque abordando a técnica dessa forma caímos novamente a interpretação que reduz o ser da técnica a questões antropológicas, de exaltação ou de demonização. Livrando-nos de todos esses possíveis preconceitos podemos nos pôr em busca da essência da técnica moderna mediante aos estudos de Heidegger.

Anteriormente foi apresentada a essência da técnica antiga, que está no produzir, no trazer algo à frente, desvelando algo em sua totalidade. Em paralelo a isso, Heidegger defende que a técnica moderna possui diferenças significativas em relação a técnica antiga. A técnica moderna deixa de ser caracterizada por um tipo manual, que revela algo no produzir e precisa necessariamente das mãos do homem para que possa existir, pois ela tem um modo distinto de produzir e possui autonomia no quesito produzir. As máquinas foram desenvolvidas para que não fosse preciso a força humana na produção. Não sendo mais necessário a força braçal, ou o fazer manual do homem, as máquinas passam a ter o papel de fabricantes de produtos em alta escala.

Com base nisso, o autor passa a questionar sobre a essência da técnica moderna, colocando essas diferenças em questão conforme a citação:

> O desabrigar que domina a técnica moderna, no entanto, não se desdobra num levar à frente no sentido da poesis. O desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar <Herausfordern> que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal. Mas o mesmo não vale para os antigos moinhos de vento? Não. Suas hélices giram, na verdade, pelo vento, permanecem imediatamente familiarizadas ao seu soprar. O moinho de vento, entretanto, não retira a energia da corrente de ar para armazená-la. (HEIDEGGER, 2007, p.381)

Nessa citação, Heidegger explica que a essência da técnica moderna é o desafiar da natureza, e por meio disso é capaz de ser revelado algo. Por meio desse desafiar, a essência na técnica moderna instituir a natureza como a fonte de energia para seu funcionamento, porque ela obrigatoriamente solicita extrair energia natural para que seja possível existir.

Dessa forma, a técnica moderna é completamente dependente da energia natural, a natureza é considerada como seu sustento, e sem essa fonte de energia ela pode se tornar inexistente. Se tivermos um chuveiro elétrico em nossa casa, possivelmente esse aparelho precisará de energia para que esquente a água para o banho, caso não exista meio de oferecer energia a esse chuveiro o mesmo não funcionará. Heidegger aponta que o desafiar da natureza está em oferecer energia à técnica, porque sem a energia não seria possível funcionar tecnologias como o chuveiro.

Quando o autor trata dessa questão sobre o desafiar da natureza, ele está nos colocando numa reflexão sobre o modo como a técnica moderna extrai energia natural para o seu sustento, levanta questões sobre o modo como isso ocorre, reflete sobre o que podemos ter como resultado em questões ecológicas. Com o desenvolvimento de novas tecnologias a dúvida está se a natureza resistirá sem prejuízos a todas as solicitações da técnica.

A técnica moderna altera o modo como o homem habita o mundo, que antes do seu desenvolvimento, a relação do homem com a natureza era de adaptar-se ao ambiente, cultivar o alimento, cuidar da terra, para que assim garantisse seu sustento, junto a isso proteger o seu território para assegurar sua sobrevivência. Um camponês cuidava da terra durante o ano todo para conseguir uma boa colheita, e dependia de determinada estação para obter bons frutos. Assim como é de grande relevância o emprego de mão de obra humana indispensável para a produção. Esse tipo de produção não é feito da técnica, que desafia a natureza requerendo energia para a sua efetivação, isto está de acordo com a técnica antiga que desvela algo e traz algo à frente sem obrigatoriamente precisar extrair energia da natureza para que tudo seja produzido.

Já com o surgimento da técnica moderna a relação do homem com a natureza muda, pois ele não depende mais do ciclo natural para produzir. Para cultivar seus alimentos, cuidar da terra e manter seu território seguro. Foram desenvolvidas técnicas que oferecem melhor comodidade e produções em alta escala. E ainda é possível armazenar energia para sustentar seus aparelhos, vinte e quatro horas por dia e assim permanecer na produção dia e noite.

Assim, a técnica moderna não consiste mais em um produzir passivo a natureza, justamente porque é desafiada pela técnica, e não sendo mais respeitado seu tempo de produção, todo o produzir passa a corresponder a solicitação e ao tempo da técnica moderna. O solo é colocado para oferecer base fértil para que o fruto seja produzido, enquanto o fruto deve oferecer matéria prima para a produção de outros produtos que o deriva. A natureza passa a ser um acervo de energia para a produção de insumos, com o intuito de manter a energia disponível para uso, isso nos

traz em mente diversas questões ambientais em relação à devastação da natureza quando a extração de energia é feita de modo indevido.

> Primeiro há o desocultamento da energia na força da queda d'água, depois isolamos e apanhamos essa energia transformando-a, trabalho realizado pelas usinas. Em seguida, reforçamos seu potencial e a armazenamos, para então, através da construção de redes, distribuí-la para os seus diversos usos. Todo esse processo exige um asseguramento, isto é, a certificação de que poderá ser sustentado e repetido sempre que necessário. O que garante o asseguramento do processo é o pensamento que calcula as possibilidades de sua realização, e que é do(seria no ao invés de do) domínio do que Heidegger chama ciências matemáticas da natureza, através da física moderna. (CRITELLI, 2002, p.85)

Conforme o que Critelli expõem, a técnica moderna possui todo um esquema de produção e armazenamento de energia para que garanta seu próprio funcionamento. Isso se torna possível com base no desenvolvimento da ciência moderna que construiu a ideia de independência e controle sobre a natureza, tendo a natureza como algo calculável, que temos total controle. Todo o desenvolvimento dessa ciência calculável junto a técnica e passa a funcionar um modo de oferecer o comprometimento do produzir no desvelar de desafiar dessa nova técnica.

Heidegger quer nos mostrar que o revelar da técnica moderna se fundamenta no desafiar da natureza, quando a energia extraída da natureza é a base para que seja possível se efetuar o trazer à frente. Dentro do esquema que a energia natural "do explorado ser transformado, do transformando ser armazenada, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado" (HEIDEGGER, 2007, p.382).

Sabendo, então, que a técnica moderna solicita constantemente energia para que possa funcionar, essa energia que tem como fonte a natureza passa a ser vista como algo que fica a disposição para o desafiar e encomendar da técnica moderna. Segundo o autor, o que é requerido tem sua posição (*stand*) que consiste no lugar de subsistência (*Bestand*). Isso é algo que vai além de uma simples nomenclatura, pois consiste no que dá base e possibilidade para que o desafiar possa desabrigar algo.

É importante ressaltar que a subsistência (Bestand) não é entendida apenas como um objeto que está à disposição para o funcionamento de determinada técnica, e sim como posição em que a técnica moderna e o desafiar têm bases para que possam existir.

Pensando em diversos tipos de tecnologia, conseguimos recordar diversos aparelhos que necessariamente são objetos que estão à disposição para o uso, como então a subsistência pode não consistir sem ser um objeto materializado, por exemplo um programa para celular. Existem programas e aplicativos para celulares que não são necessariamente um objeto físico, sendo uma coisa virtual que funciona por intermédio de códigos binários dentro de uma linguagem de programação, mas estão na posição de subsistência para o funcionamento do aparelho celular de modo que o celular possa não funcionar sem o programa.

Dessa forma, é possível entender que o autor trata realmente da posição em que o desafiar da tecnologia põe algo à frente, e não a que ela é constituída. Porque podemos entender que não precisamente o Ser é um objeto para que seja o meio de subsistência, mas a posição de disponibilidade que algo se coloca para o funcionamento da tecnologia moderna.

A justificativa do desafiar está completa quando entendemos o papel do homem na técnica moderna, pois ele faz parte do desabrigar dessa técnica e está em posição de subsistência por se colocar disponível a este desafiar. Sendo assim, só é possível existir o desabrigar e desafiar quando o homem está disponível, sendo outro modo da técnica desafiar a natureza que inclui a energia humana.

A técnica moderna consiste então num desafiar da natureza e do homem como modo de subsistência para que assim possa revelar algo sobre a totalidade do ser, a sua essência é sua própria capacidade de desafiar e de desvelar o ser que a subsiste. Pode-se chegar a uma reflexão em que Heidegger nos diz que a técnica é um meio do expor, não estritamente ao ser da técnica apenas, mas a todos os seres que a perpassam.

> No entanto, porque o homem é desafiado mais originariamente do que as energias naturais, a saber, no requerer <Bestellen>, ele nunca será uma mera subsistência. Na medida em que o homem cultiva a técnica, ele toma parte no requerer enquanto um modo de desabrigar. Entretanto, o descobrimento mesmo, no seio do qual o requerer se desdobra, nunca é algo feito pelo homem, muito menos o âmbito que o homem a toda hora sempre percorre, quando, enquanto um sujeito se relaciona com um objeto. (HEIDEGGER, 2007, p.384)

A citação acima é base para explicação do autor sobre o papel do homem no requerer da técnica, pois a técnica exige que o homem exerça o processo de produção possibilitando sua efetivação de modo que sem o homem não seria possível a mesma existir.

Ao considerar que após o desenvolvimento da ciência moderna surgiu a técnica moderna, é possível perceber a significativa participação do homem no desvelar e na sua própria existência da técnica. Assim como Heidegger diz que o homem é solicitado, é requerida sua energia para produzir, é necessária sendo o modo de subsistência da técnica.

Retomando o raciocínio de não instrumentalizar a técnica, entendemos que esse requerer do homem feito pela técnica, não é um simples requerer que solicita algo que a manipule desafiando a natureza com objetivo de mostrar algo. A posição do homem diante do requerer é o que faz parte do desvendar, ou seja, faz parte do comprometimento existente em todo o processo do produzir que fundamente a técnica moderna.

> Seu descobrimento já aconteceu todas as vezes que convoca o homem nos seus modos de desabrigar a ele dispostos. Se a seu modo o homem, no seio do descobrimento, desabriga o que se apresenta, então ele apenas corresponde ao apelo do descobrimento, mesmo onde se opuser a ele. Se, portanto, o homem, ao pesquisar e observar persegue a natureza enquanto uma região de seu representar, então ele já é convocado por um modo de desabrigamento que o desafia a ir ao encontro da natureza enquanto um objeto de pesquisa, até que também o objeto desapareça na ausência de objeto da subsistência. (HEIDEGGER, 2007, p.384)

Quando o homem é solicitado pela sua posição de subsistência já está acontecendo o desafiar, pois ele já se colocou à disposição para fazer parte desse desvendar. Quando um programador de informática se coloca à disposição vinte e quatro horas do seu dia para seu trabalho que é oferecer manutenção a determinados servidores, ele já se coloca como posição de subsistência para a operação dos programas que os servidores executam. Sem o programador não seria possível resolver um problema sistêmico e aquela técnica estaria comprometida em seu funcionamento.

O motorista que se coloca à disposição para a locomoção de seu chefe fica todo seu turno disposto a dirigir o veículo que vai locomover seu chefe aos seus destinos. O carro requer alguém que o dirija para que ele possa transportar as pessoas, o que torna essencial a existência do homem para que isso seja feito. O homem não pode ser entendido como um todo que determina o mostrar e desafiar, pois assim bastaria o homem saber manipular a máquina para que fosse possível desvelar algo, sendo que tudo depende do conjunto a partir do comprometimento entre o homem e a natureza como subsistência, e a técnica para que o revelar ocorra.

O motivo que não podemos tratar o homem como o único e principal objeto da técnica, porque caso seja considerado isso traremos aqui um estudo antropológico sobre o domínio do homem sobre a técnica enquanto a questão é tratar do assunto com a abordagem ontológica que coloca o Ser da técnica em questão. Por isso, devemos considerar o homem como parte do manifestar da técnica e não como o senhor da técnica moderna. Entender que o homem está sobre controle total da técnica é muito semelhante ao ver a ciência como base de todo o controle e conhecimento sobre a natureza, quando sabemos que não conseguimos chegar à exatidão de todos os conhecimentos científicos.

1.3 A armação (*ge-stell*)

A técnica moderna surge após o desenvolvimento cientifico moderno, buscando a aproximação da essência da técnica, em busca de saber o que é essa técnica, Heidegger inicia sua caminhada nesta investigação ontológica. Assim para chegar ao cerne da técnica moderna devemos ir à busca da sua essência.

Segundo Heidegger, o homem faz parte de todo o processo de desenvolvimento da técnica, por isso também participa do desafiar da natureza e do desvelar do ente. Mais que simplesmente fazer parte desse processo, o homem é solicitado para a efetivação, sendo uma das bases fundamentais para a existência e produção da técnica moderna. Quando o homem é solicitado para o produzir técnico, é solicitado também a energia humana para o seu desenvolver, quando o mesmo faz parte do mostrar da técnica põe sua energia à disposição dela como um chamado de seu destino.

A solicitação da técnica junto à disposição do homem constrói a relação entre técnica e homem, chamada pelo filósofo de subsistência da armação. Considerando isso, a subsistência da armação está entre a relação da técnica e o homem, sendo que a técnica depende do homem para que exista e o mesmo necessita e é solicitado como parte do comprometimento do produzir. Dessa forma o homem faz parte do processo que concretiza o produzir da técnica moderna no desafiar da natureza.

> Armação significa a reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo do requerer enquanto subsistência. Armação significa o modo de desabrigar que impera na essência da técnica moderna e não é propriamente nada de técnico. Ao que é técnico pertence, em contrapartida, tudo o que conhecemos como sendo estruturas, camadas e suportes, e que são peças do que se denomina

> como sendo uma montagem. Esta, contudo, com todo o seu conjunto de peças, recai no âmbito do trabalho técnico, que sempre corresponde apenas ao desafio da armação, mas nunca perfaz esta ou mesmo a efetua. (HEIDEGGER, 2007, p.385)

A armação (*ge-stell*) é o que existe entre a técnica e o homem, o que põe o homem a disposição da técnica no modo que acontece o desabrigar. Segundo o pensador, a armação não consiste em algo técnico, pois ela é a solicitação do homem no modo de desafiar e descobrir da técnica moderna. Pode-se ter como exemplo um motor que necessariamente precisa de suas peças para funcionar, essas peças dão estrutura para que o motor seja motor, porém não determinam especificamente sobre a essência do motor, sendo assim elas são parte da instrumentalidade do motor, não sendo capaz de definir seu ser.

A concepção de armação existe para Heidegger, porque ele encontrou a essência da técnica no modo de desabrigar a realidade mediante a relação do homem que é solicitado pela técnica, defendendo que está é a característica comum entre todas as técnicas modernas. O que está entre o homem e a técnica, é a armação que solicita o homem como modo de subsistência e o mesmo se coloca a disposição em fazer parte do desafiar que visa o desabrigar de algo. Quando ocorre o desenvolvimento de um novo aparelho tecnológico é devida a solicitação da técnica pelo homem como subsistência e se sentiu atraído pelo revelar, e se colocou à disposição para o desenvolvimento desse aparelho, sendo o aparelho o produto desse processo que tem sua essência na armação.

O produzir da armação é o que leva a frente algo, é um modo de desvelar desvelamento por intermédio do produzir da técnica moderna, que terá a realidade como subsistência para esse manifestar aconteça. Quando se desvenda algo se espera a existência da verdade para ser descoberta, sem a existência da verdade não seria possível existir todo o comprometimento no produzir, pois não haveria o que descobrir. O autor expõe que não é possível argumentar consistentemente que o fazer humano assim como a visão instrumental da técnica seja sua determinação essencial, considerando que é uma ilusão que não se explica nem com bases metafísicas ou religiosas.

O desafiar da técnica moderna acontece não somente na extração de energia da natureza como ambiente e coisa, mas também desafia a energia natural humana e a posição do homem sobre esse desafiar é se colocar à disposição de produzir e desenvolver técnico e o homem que se coloca à disposição é o homem que se coloca consequentemente para o desvendar do ente.

A física moderna desenvolve teorias com o objetivo de conhecer e dominar a natureza, para que o homem seja autônomo tendo independência em relação ao ciclo da natureza. Nesse ponto, o homem passa a acreditar que por intermeio dos estudos empíricos é possível constatar verdades exatas sobre a natureza, defendendo que diante dos descobrimentos das ciências matemáticas a natureza é fonte de informação e energia calculável.

> Se a física moderna sempre mais necessita haver-se com o fato de que seu âmbito de representação permanece não intuível, esta renúncia não foi enunciada por uma comissão de pesquisadores. Trata-se de algo exigido pelo imperar da armação, que a requeribilidade da natureza exige enquanto subsistência. Por isso, a física, em todo o seu recuo daquilo que há pouco dava unicamente a medida, do que era somente voltado para a representação dos objetos, nunca pode renunciar a uma coisa: que a natureza se anuncie em algum modo asseverado, calculado, e permaneça possível de ser requerida como um sistema de informações. Este sistema, então, se determina a partir de uma causalidade mais uma vez transformada. Ela não mostra nem o caráter de um ocasionar produtor nem o tipo da causa efficiens ou da causa formalis. (HEIDEGGER, 2007, p.387)

De acordo com o que é exposto por Heidegger nessa citação, a descoberta da ciência não foi pura e simplesmente uma constatação humana sobre os fenômenos naturais, mas a solicitação da armação tendo a natureza como meio de subsistência. Quando os cientistas desvendaram as leis da física e explicaram os fenômenos por meio de teoria, foi graças à natureza que se manifesta oferecendo informações possíveis de serem calculadas. Dessa forma, a física teve o papel de oferecer explicações sobre os fenômenos naturais com base da existência dos fenômenos naturais. A relação que existe entre o cientista que é chamado ao descobrir da natureza e a natureza que existe como meio de subsistência, consiste no cientista interpreta a natureza como uma grade fonte de informações calculáveis, e fundamentado nisto ocorre o requerer da armação atendendo o seu desafiar a natureza. A essência da técnica moderna se manifesta antes mesmo dela ser descoberta, quando o cientista é colocado como meio de subsistência para o desvelar da técnica moderna, segundo Heidegger pode-se considerar a existência da armação na sua solicitação pelo homem (cientista) como subsistência a fim de desvendar a verdade. Deste modo, quando o homem é solicitado pela armação para desenvolvimento da técnica moderna pressupõem-se

que a armação exista antes mesmo da existência da técnica moderna, considerando que é necessário existir inicialmente a solicitação da armação pelo homem e todo o processo de produzir para que depois tenha como resultado a técnica moderna.

Para Heidegger, a física moderna foi a preparação para a descoberta da essência da técnica moderna, pois na própria física já temos a presença do desafiar com modo de exposição. O homem é desafiado pelo seu desejo de conhecimento e pela natureza para revelar na física como ocorre com os fenômenos naturais. Um cientista é desafiado por sua própria curiosidade em descobrir como se explica o movimento de um objeto sobre uma superfície íngreme, concomitantemente, a essência da técnica a desvendar esse seu mistério. Quando o homem efetiva o descobrir são criadas teorias que explicam determinados fenômenos. Com o desenrolar da ciência moderna o homem exercita sua capacidade de entender o mundo, buscando cada vez mais desvelar informações que a natureza pode oferecer.

O homem se pôr sobre reflexões de fenômenos naturais que não era capaz de explicar fez com que ele se pusesse no caminhar por meio do desafiar da armação que resultou no surgimento da técnica moderna, isso mostra a importância de se dirigir ao refletir sobre assuntos desconhecidos com o propósito de revelar algo. Essa postura do homem diante do desconhecido consiste na postura filosófica que se coloca constantemente em indagações possibilitando novas descobertas. Colocar-se nesse caminho reflexivo não significa necessariamente que estamos nos pondo a serviço de descobrir apenas coisas positivas sobre o mundo, porque há a possibilidade de serem desvendados aspectos negativos sobre coisas que podem ter acontecido ou possivelmente acontecerão no futuro.

O filósofo nos mostra a importância de refletir constantemente, necessário para a aproximação da essência da técnica moderna, o que é essencial não se mostra de modo claro e explícito, o que acaba se tornando encoberto por mais tempo para as percepções dos humanos. Com isso, acaba-se tendo dificuldades na descoberta da real essência sobre as coisas, não conseguindo ter percepções que nos permitam apreender facilmente o que é verdadeiro e quais consequências. Se colocar no pensar sobre o Ser, nos aproxima da revelação da verdade sobre o que antes era desconhecido.

Os filósofos da Grécia antiga exercitavam o refletir que visa o descobrimento do Ser, no sentido de revelar o que não está claro. Heidegger busca resgatar esse exercício de reflexão com propósito de caminhar ao encontro da essência da técnica. Esta postura que possibilita

uma melhor compreensão sobre a técnica é resgatada pelo autor com a finalidade de questionar o que por muito tempo foi esquecido pela filosofia. Por muito tempo as máquinas encobriram as engrenagens da técnica ocultando sua essência, que necessita do questionar filosófico para que assim seja possivelmente conhecida. Lançando-se à uma busca histórica, são perceptíveis as ciências matemáticas que antecedem o descobrir da técnica moderna, aparentemente entendemos que a ciência possibilita o surgir da técnica moderna, porém o autor discorda dessa afirmação.

> Porque a essência da técnica moderna reside na armação, esta necessita empregar a ciência exata da natureza. Desse modo, nasce a aparência enganadora de que a técnica moderna é uma ciência da natureza aplicada. Esta aparência se sustentará até que a proveniência essencial da ciência moderna e a essência da técnica moderna sejam adequadamente questionadas. (HEIDEGGER, 2007, p.387)

Conforme a citação, o autor afirma que é incorreto acreditar que a ciência moderna tem a técnica como meio de aplicação e isso ocorre devido à falta de questionamento e reflexão sobre as origens e aspecto essencial da ciência moderna e da técnica moderna. Mais uma vez o autor expõe a importância de se pôr no questionamento e necessariamente no questionar ontológico da técnica. Buscar aproximação de sua essência fará com que sejam eliminadas todas as interpretações incorretas, desvendando os argumentos que não se sustentam pelo caminho do questionar. Assim, a técnica deixará de ser entendida como a aplicação prática da ciência moderna.

Por muito tempo a essência da técnica permaneceu encoberta pelas engrenagens das máquinas, devido à falta de reflexão sobre seu Ser e foi o que favoreceu as compreensões indevidas. No decorrer do desenvolvimento da ciência moderna o homem é solicitado pela ciência para a descoberta de fenômenos naturais, inicia sua preparação para entender posteriormente qual é a real essência da técnica, que consistentemente está na armação.

Saber apenas que a essência da técnica moderna está na manifestação da armação não corresponde em conhecer sobre sua total complexidade, e é nesse ponto que o filósofo prossegue a busca pelo esclarecimento do que é a armação, levantando a questão sobre o papel que o homem exerce no desafiar da armação.

Já foi citado que a armação desafia a natureza como meio de subsistência, pois precisa extrair energia da natureza para o manifestar

da verdade. O desafio da armação acontece não a penas nessa extração de energia da natureza como ambiente e coisa, mas também a energia natural humana e a disposição do homem sobre esse desafiar. Dessa forma Heidegger defende que o homem faz parte essencial da armação, pois ele se coloca à disposição do desafiar sendo requerido como meio de subsistência para o revelar da armação.

Nesse ponto podemos refletir sobre o real papel do homem sobre a tecnologia. Será que o homem possui poder de manipulação total sobre a tecnologia? O filósofo vai contra a ideia de que o homem é o senhor da técnica, considerando que o homem não tem controle sobre o solicitar da armação, e estará ainda mais distante da sua verdadeira experiência enquanto não tiver conhecimento sobre a sua essência. Um exemplo disso é quando não se possui conhecimento prévio sobre a técnica, a ausência de refletir sobre o seu Ser faz com que o homem fique à mercê de ser solicitado como mera subsistência da armação. O homem não tem uma experiência verdadeira e assim acaba sendo refém deste solicitar, sem saber no que realmente ela consiste e quais são as consequências dessa utilização. Esse refletir permite também ter uma melhor noção sobre em que consiste o revelar da técnica.

Podemos levar em consideração a quantidade de tecnologia que passa a ter o qualidade de lixo quando é descartada, lembrando ainda que estamos diante de constante desenvolvimento tecnológico que acaba por tornar rapidamente obsoleto os aparelhos antigos. Aquele aparelho que hoje é considerado uma tecnologia de ponta daqui quatro anos, pode-se tornar um instrumento que não corresponde mais às expectativas de utilização, porque foram lançados aparelhos melhores em relação a ele. Quando isso acontece, percebemos que a técnica é usada como um mero instrumento que deve estar ao dispor das nossas solicitações, enquanto na verdade o homem está servindo de mera subsistência, para ser solicitada pela armação que sempre extrai mais energia natural do homem e do meio ambiente. Esse é o autêntico modo da ausência em experienciar a técnica verdadeira, porque ocorre apenas a utilização sem nenhuma base reflexiva. Assim, o homem não se dá ao trabalho do refletir sobre o aparelho que se torna obsoleto e consequentemente esse material passa a ser considerado um lixo que poderá ser uns dos desvendar da armação.

> A essência da técnica moderna conduz o homem para o caminho daquele desabrigar por onde o real, em todos os lugares mais ou menos captável, torna-se subsistência. Conduzir por um caminho significa em nossa língua: enviar <schicken>. Denominamos aquele enviar que recolhe e que primeiramente leva o homem para o caminho do desabrigar, como sendo

> o destino <Geschick>. A partir daqui determina-se a essência de toda história <Geschichte>. Ela não é nem somente o objeto da historiografia <Historie> nem somente a ratificação do fazer humano. Este, somente quando é algo destinal <geschickliches> é algo histórico <geschichtlich> (...). E somente o destino na representação objetificante torna acessível o elemento histórico <das Geschichtliche> como objeto para a historiografia <Historie>, isto é, para uma ciência, e a partir disso torna apenas possível a corrente equiparação do histórico <Geschichtlichen> ao historiográfico <Historischen>. (HEIDEGGER, 2007, p.388)

Podemos entender que todo revelar de algo se dá pelo poder que a armação exerce sobre o requerer da natureza, e sobre o requerer do homem como subsistência. O reivindicar da armação sobre o homem é o seu envio a caminho do desvendar da verdade. Desde o tempo que a armação solicitava o homem a mostrar a ciência moderna, o homem já estava no caminho desse divulgar que o coloca em seu destino e que determina a essência da sua história. Sendo assim, o homem está destinado ao envio da armação para o revelar da realidade como subsistência. Isso é o que determina a essência do desenrolar histórico da humanidade, o homem constrói sua história por meio do seu destino, sendo parte essencial do produzir para o desvendar da verdade.

Heidegger diz que não podemos ter a técnica como destino, considerando que essa pode ser um tipo de abordagem que nos afasta da experiência com a essência da técnica. Devemos nos recordar que a armação não possui nada de técnico, está aí o sentido de não tratar a técnica como destino, caso isso ocorra, será mais um modo instrumentalista em abordar a técnica. Segundo essa dessa perspectiva, o autor argumenta que a experiência com a armação ao se colocar no destino do homem em ser desafiado e expor a verdade, estabelece a liberdade do homem, pois dessa forma estaremos nos abrindo verdadeiramente para experimentar a essência da técnica moderna.

A liberdade do homem para Heidegger acontece pelo destino que domina o homem, isso acontece não de modo imposto pelo destino, pois a própria liberdade se dá por uma postura voluntária do homem sobre o desvendar da técnica. Quando o homem se coloca como ouvinte (*Hörender*) do que pode ser desvelado sobre a técnica e não como servo (*Höriger*) da instrumentalidade ele possui liberdade sobre o seu destino. Isso está relacionado à busca pela essência da técnica e o problema da instrumentalidade. A liberdade do homem está em ser receptivo ao que a armação lhe envia e não se tornar refém da ideia de seu poder

absoluto sobre a técnica, que ela se resume a um meio de solucionar todo e qualquer problema do ser humano. Quando o homem tem essa visão de senhor da técnica ele não consegue reconhecer a armação e passa a ser servo do solicitar como subsistência.

Colocando-se sobre esse pensamento com base no que vivenciamos com a tecnologia em nosso dia-a-dia, é possível perceber que em grande parte o homem contemporâneo não reconhece seu destino como o que é requerido pela armação. Quando está diante de um aparelho celular ele enxerga apenas como algo que precisa funcionar de acordo com suas necessidades individuais, não colocando em questão a própria técnica, e desse modo é incapaz de perceber qual é sua real postura diante de toda complexidade que um celular possui. Nesse ponto o homem é apenas um consumidor dessa tecnologia que constantemente irá solicitará como um modo de subsistência, exercendo o papel de servo dessa solicitação da armação. Caso se colocasse a refletir teria consciência do que a armação pode proporcionar, o celular é na verdade o solicitado pela armação, se pondo num refletir sobre o que a armação desvenda por meio desse celular, o modo em que foi elaborado.

A liberdade não está de modo passivo ao homem, pois o filósofo argumenta que só é possível ser alcançada quando o homem tem consciência de seu destino e se põe nesse caminho como ouvinte, que o permite refletir sobre o experienciar e no que há de essencial da técnica moderna. Dessa forma, a liberdade do homem não depende apenas de sua vontade em estar livre e sim sobre uma postura constante de se pôr a pensar ontologicamente. Essa autonomia está na abertura do homem ao refletir sobre a armação que desvenda aquilo que estava oculto. Antes de a liberdade ser reconhecida ela também é um grande mistério do qual somos desafiados a declarar.

O melhor caminho que o homem pode se colocar é ser ouvinte do desvelar da técnica, quando ela o solicita como subsistência a aprender e descobrir o que é verdade no resgate pelo ser, como um aluno que se coloca à disposição do seu destino quando é solicitado pela armação e em uma pesquisa sobre determinado assunto se coloca como ouvinte do descobrir que o aproxima mais da verdade sobre o Ser de algo.

> Mas se pensamos a essência da técnica, então experimentaremos a armação como um destino do desabrigar. Assim, já nos mantemos na liberdade do destino que de modo algum nos aprisiona numa coação apática, fazendo com que perpetuemos cegamente a técnica ou, o que permanece a mesma coisa, nos insurjamos desamparadamente contra ela e a amaldiçoemos

> como obra do diabo. Ao contrário: se nos abrirmos propriamente à essência da técnica, encontrar-nos-emos inesperadamente estabelecidos numa exigência libertadora. (HEIDEGGER, 2007, p.389)

Pelas palavras do filósofo, a citação acima mostra que caso estejamos abertos à essência da técnica estaremos a caminho da liberdade tornando-se ouvintes capazes de fazer parte do revelar consciente sobre a técnica. Em vista disso, é possível estar liberto da ideia de demonização da técnica, semelhante à visão que as pessoas possuíam sobre as tecnologias bélicas após a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, a tecnologia moderna era vista pelas consequências que ela causou, quando o homem se colocou apenas como servo sendo um meio de subsistência da armação, essa postura não resgatou a reflexão sobre o Ser da técnica, não permitindo reconhecer o que ela poderia desvendar.

O homem precisará conhecer todo esse caminho que Heidegger percorreu para conseguir ter uma experimentação livre de preconceitos instrumentalistas sobre a técnica, e ainda entender como se estabelece a relação entre a armação e a ciência moderna para que assim seja possível compreender o sentido que a armação exerce no destino do homem que da base para construir sua história.

O homem sendo levado ao destino pelo desabrigar é colocado em perigo por meio desse destino do desvelar, pois esse revelar pode colocar o homem em um entendimento errado sobre o que foi esclarecido, e acaba por defender uma ideia falsa. Devemos então ter o cuidado de não confundir o correto com o verdadeiro, pois os dois são coisas diferentes, quando confundidos não revelam a realidade que se manifesta.

> O destino do desabrigar não é em si qualquer perigo, mas é o perigo. E se o destino impera no modo da armação, então ele é o maior perigo. O perigo se anuncia a partir de duas direções. Tão logo o que estiver descoberto não mais interessar ao homem como objeto, mas exclusivamente como subsistência, e o homem no seio da falta de objeto apenas for aquele que requer a subsistência, – o homem caminhará na margem mais externa do precipício, a saber, caminhará para o lugar onde ele mesmo deverá apenas ser mais tomado como subsistência. (HEIDEGGER, 2007, p.389)

Nesse ponto começamos a entender qual é o perigo que a essência da técnica moderna pode nos oferecer. O perigo existe para o homem quando ele se conforma com que conseguiu apreender sobre as

revelações da técnica, entendo que isso basta sobre o que ela tem para mostrar, sendo que o destino dele é estar num caminho contínuo em busca desse desvelar, que sempre terá um novo revelar.

A consequência disso é usar a técnica como um modo de subsistência, isso acaba sendo uma visão reducionista do que a técnica tem a nos oferecer. Dessa forma, o homem passa apenas a empregar ou usar a técnica sem buscar mais nenhuma reflexão. Usar a técnica como subsistência está muito próximo a usá-la apenas como um instrumento a ser manipulado.

Devemos levar em conta também que a técnica está em constante transformação, tecnologias que na década de 60 eram consideradas coisas surreais estão presentes no nosso dia a dia. O filme *2001: A Space Odyssey* (*2001 - Uma Odisseia no Espaço*), dirigido e produzido por Stanley Kubrick, exibido em 1968, apresentava aparelhos tecnológicos fora de cogitação para o público que assistia na época. Atualmente, vemos vários aparelhos tecnológicos no nosso cotidiano, muito semelhantes aos que ali eram considerados impossíveis de existir, quanto mais serem popularizados.

Conforme o desenvolver da técnica, começamos a perceber que ela segue em uma constante mudança e desenvolvimento, e que pode nos mostrar cada vez mais e mais rápido o que ela tem para expor. Mas conforme o que defende o autor, não devemos nos deixar no uso como meio de subsistência tratando a técnica apenas como algo que está a serviço do desenvolvimento e ou conforto do homem.

> O homem está tão decididamente preso à comitiva do desafiar da armação, que não a assume como uma responsabilidade, não mais dá conta de ser ele mesmo alguém solicitado e, assim também, não atende de modo algum ao fato de que, a partir de sua essência, ele ek-siste no âmbito de um apelo e que, por isso, nunca pode ir somente ao encontro de si mesmo. (HEIDEGGER, 2007, p.389)

Quando o homem se coloca para armação como uma máquina que produz coisas para sua utilização, ele já não está mais no caminho certo a ser buscado, pois se retirou do posto que fora destinado, o caminho é se colocar à disposição do desvelar, com objetivo de descobrir sua essência, e quando ele se distancia dessa posição ele se afasta também da sua essência, pois não está no caminho que vai ajudá-lo a ter uma consciência sobre o mundo.

Visto que o homem acaba por ficar preso na armação, sem, por exemplo, colocar em questão a técnica, portanto apenas a usa de modo utilitário, para seu benefício ou conforto. Uma vez que o homem passa

a se tornar refém da armação e não parte do desvendar que é o destino que ele deve seguir.

Heidegger explica que o que é conhecido pode também ocultar outra coisa, como se fosse um jogo, no momento em que algo é descoberto, ele oculta outra coisa. Como um véu que quando é desvendado ele passa a cobrir outra parte, passando a ocultar outra coisa. Esse é mais um motivo para o homem não se abster de seu destino, pois mesmo quando algo é desvelado ainda existirão coisas que poderão ser descobertas, levando em conta que tudo o que é exposto passa a ocultar outra coisa.

> A armação impede o aparecer e imperar da verdade. O destino, que no requerer manda <schickt>, é, assim, o extremo perigo. A técnica não é o que há de perigoso. Não existe uma técnica demoníaca, pelo contrário, existe o mistério da sua essência. A essência da técnica, enquanto um destino do desabrigar é o perigo. Agora, quem sabe, a mudança de significado da palavra "armação" torna-se um pouco mais familiar para nós, quando a pensamos no sentido do destino e do perigo. (HEIDEGGER, 2007, p.390)

O que é colocado em questão na citação está em não estabelecer juízo sobre a técnica, entendendo-a como uma coisa maléfica que corrompe o homem. Esse pensamento coloca a técnica como responsável pelo que o homem faz por meio dela, como se depositasse independência na técnica, enquanto na verdade ela não se transforma sem a presença do homem como subsistência. Posto isso, não devemos entender a técnica como um ente que possui vida própria, ou uma essência independe da existência humana. O homem faz parte da técnica assim como a técnica faz parte do homem. Em consequência disso, entendemos que essa responsabilidade está no modo como o homem lida com a armação.

O mistério que existe na essência da técnica é o que o homem deve se colocar a desvendar, e isso gera um movimento entre o homem e o revelar a verdade. Esse mistério é o que de algum modo encobre a essência da técnica que é destino do homem desvelar.

No momento em que o homem deixa de questionar sobre a técnica a armação passa a oferecer perigo a ele, pois já está comprometido o expor da técnica. O homem passa apenas a dominar a essência da técnica moderna, não mais tendo uma relação de descoberta da verdade, ele fica de olhos fechados para o que a técnica pode mostrar. Heidegger defende que já sofremos com esse perigo, porque a ameaça já atacou a essência do homem, quando ele se tirou da posição de questionar a técnica.

O que a arte contemporânea pode nos mostrar com base no que todo

o desenvolvimento tecnológico nos proporcionou é que pode existir uma ressignificação do próprio Ser da tecnologia contemporânea que foi reutilizado na obra de arte de Gilberto Vieira Mendes, e mostrou que o resultado dessa tecnologia pode servir para a educação e conscientização sobre o que a técnica contemporânea pode proporcionar. Por intermédio da ressignificação da técnica, a obra de arte feita com o seu lixo resgata o que antes era considerado inútil, para o colocar-se em obra da verdade que o criar proporciona. Desse modo percebemos que o artista resgata o Ser da tecnologia e desvenda na arte a conscientização sobre os problemas ecológicos que podem ser provocados com o uso da técnica sem nenhuma reflexão.

A importância que Heidegger quer nos mostrar sobre a técnica moderna e nos pôr para refletir sobre sua essência que tem como subsistência a energia natural. Até quando poderemos extrair energia da natureza para sustentar as tecnologias? É nesse ponto que percebemos que existe uma efetiva reflexão e mudanças de atos com base no que o problema da extração de energia pode proporcionar à vida ecológica.

A armação que oferece perigo também é o meio de salvação do homem, já que existe o perigo existirá do mesmo modo a remissão. O autor defende essa ideia através de uma citação do poema de Friedrich Hölderlin, que diz que onde mora o perigo, cresce também a salvação. Na essência da técnica não existe apenas o que coloca o homem em perigo, mas também oferece a possibilidade de prosperar a salvação. Caso a essência da técnica oferecesse apenas perigo ao homem, possivelmente seria difícil de sobrevivermos a algo que só proporciona coisas ruins.

O que salva, cresce com base do que foi alimentado para o seu desenvolvimento, pois não vai brotar sem ao menos ser alimentada. A salvação pela essência da técnica está no que a de mais profundo dela, devemos nos colocar em reflexão ao que há de mais profundo da armação e assim será pensado a partir do perigo que ela nos oferece. É necessário colocar em questão a armação de modo que ela não existirá mais apenas como um perigo, mas como um meio de desvelar a verdade, colocando o homem no seu destino de fazer parte dessa essência.

> Assim, pois, a armação enquanto um destino do desabrigar é, na verdade, a essência da técnica, mas nunca a essência no sentido do gênero e da essentia. Se atentarmos para isso, algo de admirável se mostrará para nós: a técnica é o que solicita pensarmos num outro sentido o que costumeiramente compreendemos por "essência". (HEIDEGGER, 2007, p.392)

Nesse trecho, é importante entender o que pensador diz sobre a essência, porque ele não considera a essência assente ao que Aristóteles entende que trata da matéria como substância e como gênero, compreendendo como algo delimitado que está em tudo, igualmente da mesma forma. Já Heidegger, entende a essência como algo que existe no revelar da verdade, não algo como substância, matéria e gênero, mas como algo que nos mostra e nos permite ter a consciência sobre a essência.

Se entendermos a essência da técnica como um gênero, vamos de encontro a tudo o que o autor propõe sobre o desvelar da técnica, pois se consideramos a essência algo evidente, explicado e determinado como um computador, sendo algo material e instrumental. Esse tipo de entendimento recai sobre o problema da instrumentalidade, quando sabemos que não devemos tratar a técnica apenas como um meio de fazer do homem, ou algo a ser manipulado, quando fazemos isso caímos no perigo que a armação nos coloca apenas como subsistência. O homem faz parte do desvendar da técnica quando se coloca no seu destino, ele faz parte do desvelar da verdade e não como apenas uma simples fonte de energia a serviço da técnica.

Quando a armação requer o homem que se coloca no caminho do desvelar, ele está mais que no caminho da liberdade, está no caminho da salvação, que por meio da armação se coloca a refletir sobre o que há de mais profundo nela. Assim, é essência da técnica que reside a salvação, pois ela possibilita o desvelar da verdade, não devemos recusar o chamado da armação considerando que temos a possibilidade de desvendar a verdade. Como parte desse processo de desvendar, o homem tem responsabilidade sobre como entende a técnica e consequentemente tem responsabilidade sobre o perigo que está se colocando.

CAPÍTULO II

A QUESTÃO ECOLÓGICA DO LIXO ELETRÔNICO

Segundo o que foi apresentado sobre "A questão da Técnica" de Heidegger no primeiro capítulo dessa monografia, é possível refletir sobre os possíveis problemas ecológicos em decorrência do consumo tecnológico do homem. O filósofo se coloca em busca pelo Ser da técnica com o objetivo de aproximar-se da mesma a fim de estabelecer relações verdadeiras com seu ser. Nesse caminhar, são encontrados problemas que possivelmente podem emergir da técnica. Com base nisso trata-se nesse capítulo o possível problema ecológico do lixo eletrônico que emerge da tecnologia.

Quando pensamos em lixo, logo vem em nossa mente coisas que não possuem mais utilidades e devem ser descartadas com o propósito de manter o ambiente limpo e organizado. A questão é que muitos materiais que são considerados lixos, na verdade, são resíduos sólidos que muitas vezes podem ser reciclados ou reutilizados. Sendo assim "é necessário entender a diferença entre o que é lixo e o que são os resíduos sólidos" (MAGERA, 2012, p.46). apresenta a origem da palavra "lixo" origina-se do latim *lix*, que significa cinzas ou lixívia. O conceito de lixo ou de resíduo pode variar conforme a época e o lugar". Segundo Magera, resíduo é tudo que se retira de um lugar para deixá-lo limpo, qualquer material sem valor ou utilidade, ou detritos oriundos de trabalhos domésticos, industriais etc. que se joga fora. Já os resíduos sólidos são todos os restos de matérias que podem ser reaproveitados e consequentemente possuem valor econômico.

Os desenvolvimentos científicos, tecnológicos e econômicos favoreceram a criação aparelhos tecnológicos que precisam necessariamente de corrente elétrica ou campo magnético para que possam funcionar, esses aparelhos possuem vida útil relativas a sua funcionalidade e capacidade de corresponder às expectativas dos consumidores. A contar da Revolução Industrial (XVIII), os aparelhos passam cada vez mais a serem consumidos pela sociedade em geral, que proporciona a produção em alta escala no caso de indústrias e na agropecuária, ou no consumo doméstico. Oferecendo conforto, praticidade, comunicação etc.

Quando o aparelho está fechado não apresenta riscos a saúde ou ao ambiente, mas quando está aberto e é manipulado indevidamente passa a oferecer riscos, por ser composto de substâncias químicas chumbo, cádmio, mercúrio, berílio entre outros. Os aparelhos que são consumidos e posteriormente descartados passam a ser denominados lixo eletrônico ou e-lixo. Conforme é exemplificado por Oliveira:

> O termo lixo eletrônico, "e-lixo" ou resíduos de equipamentos eletrônicos (REEE), refere-se a todo o rejeito oriundo do descarte de aparelhos eletrônicos, tais como: televisores, computadores pessoais, incluindo seus componentes, como disco rígido, placa-mãe, aparelhos celulares, entre outros. (OLIVEIRA, 2014, p.17)

A Global *E-Waste Monitor 2017*, da Universidade das Nações Unidas (UNU-IAS), publicou um relatório em 2016 mostrando que foram produzidos 44.7 milhões de toneladas em lixo eletrônico, o que corresponde a 4,500 Torres Eiffel.

Conforme o relatório, o Brasil é o maior produtor de lixo eletrônico da América Latina, com 1,6 milhões de toneladas por ano, e no continente americano é o segundo maior produtor, ficando atrás apenas dos Estados Unidos com 6.3 milhões de toneladas por ano. O brasileiro produz em média 7,4kg de lixo por ano.

Estima-se que todo o material eletrônico descartado possui o valor de aproximadamente R$ 218 bilhões. Isso mostra o valor que esse tipo de material possui, além da importância de se fazer um descarte inteligente que evite problemas ecológicos, ainda é possível gerar riqueza e emprego para população.

Quanto mais produzimos esse tipo de lixo e não fazemos o descarte devido mais estamos nos expondo a possíveis problemas ecológicos. Citaremos as principais substâncias que os materiais eletrônicos possuem e seus respectivos prejuízos diante do descarte indevido:

Chumbo: segundo Bosso, diante da exposição ao chumbo crônica seus efeitos podem vir ao longo prazo no organismo, podendo atingir os ossos, os rins, o sistema nervo central, cardiovascular, reprodutivo, endócrino, e na formação do feto. As crianças e grávidas absorvem maiores quantidades que adultos e mulheres não gestantes. A contaminação pode ocorrer por meio do ar, pela pele ou na ingestão de alimentos, ele é absorvido pelo estômago chegando a corrente sanguínea.

Cádmio: essa é uma das substâncias que o lixo eletrônico possui. Uma entrevista feita ao biólogo Raúl A. Alzogaray publicada no site

EcoDebate, expõe que o cádmio é considerado um dos dez contaminantes mais perigosos, de acordo com o Programa para o Ambiente das Nações Unidas. Esse metal pesado é considerado tóxico e dependendo da dose ou do tempo em exposição, até 25 milionésimos de grama de cádmio por dia é consumido por pessoa, acima de 70 milionésimos de grama de cádmio por dia é considerado perigoso de acordo com a Organização Mundial da Saúde. A substância pode ser absorvida também por plantas e animais causando alteração em sua estrutura corpórea e no seu processo de fotossíntese. O excesso de absorção desse metal pode provocar a doença Itai-Itai, que ataca os glóbulos vermelhos do sangue causando problemas de osteoporose. Pode alterar o processo de síntese de proteínas e também atacar os rins causando excesso de cálcio expelido pela urina.

Mercúrio: essa substância química é um metal nobre que em contato com o ambiente pode contaminar os lençóis freáticos e consequentemente os rios e mares, alterando o ecossistema. Os peixes e plantas absorvem essas substâncias comprometendo sua vida e desenvolvimento. "Na ingestão de alimentos contaminados (peixes), ou na exposição dos humanos a esse metal pode afetar o sistema nervoso central, causar danos a coordenação motora, encefalopatia mercurial" (RODRIGUES, 2011, p.212).

As informações apresentadas acima nos mostram alguns dos problemas ecológicos que o descarte de lixo eletrônico pode causar ao ecossistema, afetando, assim tanto o meio ambiente quanto a vida humana. Dessa forma, fica claro que é necessário desenvolvermos uma cultura que proteja todo o sistema desse tipo de perigo, para trabalhar a conscientização das instituições privadas e públicas.

O Brasil possui leis que institui a responsabilidade compartilhada sobre os resíduos sólidos sendo a Política Nacional dos Resíduos Sólidos que foi instituída a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, novamente alterada em pará Lei nº 12.305, de agosto de 2010 instituindo no Art. 6º que os resíduos sólidos devem ser reconhecidos e considerados como materiais reutilizáveis ou recicláveis tendo valor econômico e social, pois podem ser base de criação de emprego e renda.

Nesse ponto, o país possui fundamentação legislativa para o desenvolvimento de suas responsabilidades sobre os resíduos, mas diante dos dados citados sobre o descarte de materiais eletrônicos é perceptível que não existe a efetivação por grande parte de quem faz o descarte indevido. Lembrando que o Art. 1º do Primeiro capítulo da Política Nacional de Resíduos Sólidos, expressa que a Lei diz respeito à pessoa física e pessoa jurídica de direito público ou privados são

responsáveis pelo gerenciamento desse tipo de material. Podemos refletir sobre esse problema em torno da fiscalização do descarte desse lixo, sobre campanhas a serem desenvolvidas para tornar a cultura da coleta seletiva desses resíduos, proporcionando mudança de postura.

E para onde vão todos os aparelhos que nos rodeiam? Os problemas surgem quando é necessário descartar os aparelhos que já não possuem mais utilidade ou se tornaram obsoletos em relação ao que as novas tecnologias têm a oferecer. Esses aparelhos são denominados lixos tecnológicos, compostos de plástico, vidro alumínio e metais.

Quando o lixo eletrônico é descartado indevidamente passa a oferecer riscos à vida e ao meio ambiente. As substâncias que o compõem podem contaminar o solo ou a água alterando o ecossistema do qual faz parte, sendo a fonte de problemas de saúde da sociedade e da natureza. O presente estudo tende colaborar para a reflexão de modo que transforme as atitudes de seus leitores, para o favorecimento do bem comum.

2.1 A instrumentalidade da técnica como um problema ecológico

Conforme o que foi apresentado no primeiro capítulo dessa monografia, a visão instrumentalista sobre a técnica é interpreta-la apenas como um instrumento a ser usado, que precisa ser manipulado e dominado pelo homem. O indivíduo que usa a técnica apenas como um mero instrumento não possui a abertura que permita experienciar o que há de verdadeiro na técnica, e dessa forma acaba sendo alienado diante da complexidade do Ser da técnica. Quando Heidegger se coloca em busca do Ser da técnica, ele nos mostra quais são os problemas em entender a técnica por esse viés instrumentalista, nos abrindo para uma reflexão sobre quais são os resultados que essa visão pode nos proporcionar, conforme o filósofo mostra na citação.

> Assim, a técnica moderna, enquanto desabrigar que requer, não é um mero fazer humano. Por isso, devemos também tomar aquele desafiar, posto pelo homem para requerer o real enquanto subsistência tal como se mostra. Aquele desafiar reúne o homem no requerer. Isto que é reunido concentra o homem para requerer o real enquanto subsistência. (HEIDEGGER, 2007, p.384)

O homem é desafiado pela essência da técnica moderna para desvendar a realidade, assim a técnica tem a realidade como um meio de subsistência que sustenta o trazer a frente a verdade. Essa é a abordagem e postura correta que o homem precisa ter para com a técnica, não se tornando refém do instrumentalismo, quando o homem se dispõe ao desafiar da verdade não serve apenas de subsistência da técnica e sim faz parte fundamental do processo de desvelamento.

Podemos considerar que as reflexões que o filósofo faz sobre a técnica nos ajuda a pensar sobre os impactos que tivemos com a tecnologia em relação ao passado, o que ela vem revelando no presente mediante sua essência junto a todo seu desenvolvimento. Uma das bases dos pensamentos do Heidegger é o conceito Daisen, que pode ser traduzido para "vir a ser" ou "presença". Essa concepção considera que o Ser está presente existindo, enquanto ele permanece existindo ele se faz presente, um exemplo está nessa necessidade de se pôr em constante reflexão, com a intenção de experienciar a essência. A necessidade do pensar constantemente existe porque no momento que se para de pensar sobre o assunto, já não existe mais o pensar sobre o Ser, podendo ocorrer novamente o que o filósofo quer resgatar, que é a busca pelo Ser.

Abordar a técnica de modo instrumental é tratá-la de modo raso, impedindo o conhecimento do homem sobre sua essência que por meio do produzir revela da verdade. Essa postura pode está diretamente ligada ao consumo imediatista da técnica visando apenas a eficiência que ela pode oferecer. O filósofo Zygmunt Bauman apresenta sua ideia sobre o consumismo em seu livro "Vida para o consumo" conforme a citação abaixo:

> De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada ("alienada") dos indivíduos e reciclada/retificada numa força externa que coloca a "sociedade de consumidores" em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicas para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidade de escolha e condutas individuais. (BAUMAN, 2017, p.41)

Para Bauman, o consumismo é uma das características culturais da sociedade que tem a utilização de produtos apenas como um grande

desejo individual, sem base reflexiva sobre quais podem ser os impactos que isso pode causar. Em outras palavras, o consumismo está presente na sociedade como uma cultura e movimento, porque se o consumismo existe alguém produz o que será consumido, a dinâmica entre produzir e consumir que tem impulsos através das estratégias individuais de vida que possui o papel de manipular as decisões dos indivíduos.

Percebemos que estamos imersos em cultura construídas por essas estratégias manipuladoras, que nos fazem consumir sem ter consciência real do que estamos fazendo. Nesse ponto entra a questão de Heidegger sobre a instrumentalidade da técnica. Entender o produto tecnológico apenas como um instrumento eficiente não estabelece o desenvolvimento reflexivo que possibilita entender que isso está dentro de um sistema de estratégias individuais, que utilizam desse meio para manipulação incentivando esse tipo de consumo.

A capacidade de desenvolver a compreensão sobre o consumismo permite-nos apropriar o pensamento reflexivo e afasta o homem do uso impulsivo da técnica, que o torna refém do seu próprio modo de entender a técnica. Podemos considerar também que essa reflexão chegue a pensar sobre os impactos ecológicos resultante nesse tipo de cultura.

As indústrias criam constantemente novos aparelhos tecnológicos que prometem todas as soluções para as necessidades que possuímos, mas essas necessidades realmente existem ou foram criadas? As necessidades são criadas na elaboração de produtos antes mesmo que a necessidade do homem sobre aquele aparelho efetivamente exista, considerado por Bauman como estratégias individuais que é a base da obsolescência embutida conforme é explicado na citação abaixo.

> Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por vez exigem novas necessidade e desejos; o advento do consumismo augura uma era da "obsolescência embutida" dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo. (BAUMAN, 2008,p.45)

Quando Bauman diz que que novas necessidades exigem novas mercadorias, significa que a necessidade é criada e revelada na criação de um produto. Podemos refletir sobre a interpretação instrumentalista da técnica como modo de consumo impulsivo e prejudicial ao homem. Com base no que Heidegger desenvolve em seu pensamento sobre pôr em questão a técnica, a hipótese seria de que desde as raízes do pensamento instrumentalistas, serve de base para e estruturação do pensamento que visa apenas a eficiência do produto, o que consequentemente

considerou como mais importância sua utilidade. Dada essa ênfase, foi deixado para trás o comprometimento entre as quatro causas que estruturam todo o desenvolvimento do produto e não apenas sua eficiência. O consumismo tem em vista apenas o que o produto tem a oferecer de imediato, desse modo ele dispensa as informações sobre toda e qualquer consequência que pode oferecer posteriormente. Por se fundamentar em um uso imediatista, não existe tempo para pensar sobre quais podem ser os resultados desse comportamento.

É predominante a visão de avanço tecnológico quando por exemplo as fábricas de aparelhos eletrônicos, como celulares, computadores, notebook etc. lançam todos os anos o aparelho de última geração. Esse tipo de produção usa a técnica como uma constante superação, tornando a tecnologia atual sempre superior a sua última grande versão. Criando o que Bauman denomina como obsolescência embutida, pois você já compra um aparelho conhecendo o mecanismo de produção, no próximo ano será lançando um aparelho superior ao seu, que oferecerá maiores quantidades de soluções às suas "necessidades". Mais uma vez é perceptível que está abordando a técnica apenas pelo seu aspecto instrumentalista e não sobre o que a técnica realmente pode desvendar de sua essência.

> É correto dizer: também a técnica moderna é um meio para fins. Por isso, todo esforço para conduzir o homem a uma correta relação com a técnica é determinado pela concepção instrumental da técnica. Tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio. Pretende-se, como se diz, "ter espiritualmente a técnica nas mãos". Pretende-se dominá-la. O querer-dominar se torna tão mais iminente quanto mais a técnica ameaça escapar do domínio dos homens. (HEIDEGGER, 2007, p.376)

Com as palavras de Martin, é reforçada a ideia sobre a necessidade que o homem encontra em dominar a técnica, tratando apenas como algo a ser consumido. A ideia de domínio sobre a técnica é uma ilusão, criada por um mundo mágico de soluções surpreendentes a partir da constante aquisição de aparelhos, em busca de ter nas mãos a tecnologia mais avançada. Para Heidegger, ter a tecnologia nas mãos não se trata de uma apropriação material, e sim da capacidade do constante exercício de pensar em busca da verdade que a técnica nos revela.

Nesse ponto, devemos considerar que a tecnologia moderna não é apenas o aparelho que está em pleno funcionamento, mas também o aparelho que foi descartado. Quando a indústria cria aparelhos com curto período de durabilidade será considerado obsoleto diante dos

aparelhos que serão lançados posteriormente, percebemos que esse modo de produção é o advento do descarte, nos trazendo questões sobre o lixo eletrônico. Heidegger não chega a essa reflexão na sua conferência sobre "A questão da técnica", mas proponho essa reflexão por intermédio do caminhar heideggeriano.

A ideia instrumentalista dá base para o consumismo que provoca o florescer dos problemas ecológicos causados pelo lixo eletrônico? O que Heidegger defenderia sobre essa questão?

O filósofo alemão considera que a visão instrumentalista sobre a técnica é capaz de vendar nossos olhos diante do que a essência da técnica pode nos mostrar, essa é uma postura que a pessoa exerce sobre a técnica quando apenas a tem como um instrumento útil. Fundamentado nisso podemos ter como hipótese que Heidegger considera o consumismo como uma consequência a essa postura alienada diante da técnica, pois adota a tecnologia apenas como um instrumento que oferecerá benefícios momentâneos em vista de seu conforto. A pessoa que tem esse tipo de comportamento se auto sabota por se tornar refém do que a técnica oferece de benefício e não o que ela realmente é, sobre o que ela é capaz de revelar sobre o seu próprio ser.

2.2 O perigo ecológico que emerge na armação

Sabendo que a armação é a essência da técnica moderna que tem a natureza como meio de subsistência para o desvendar da verdade, surge a questão da armação instituir a natureza como um acervo infinito de energia, sendo que a natureza possui seus limites principalmente quando é explorada como fonte total de matéria prima. Quando o mecanismo da armação torna a terra um acervo de energia para a produção de alimentos, a terra passa a ter um novo significado, pois a ela é agregado a característica de estar disponível para o desafiar da armação.

> Uma região da terra, em contrapartida, é desafiada por causa da demanda de carvão e minérios. A riqueza da terra desabriga-se agora como reserva mineral de carvão, o solo como espaço de depósitos minerais. De outro modo se mostrava o campo que o camponês antigamente preparava, onde preparar ainda significava: cuidar e guardar. O fazer do camponês não desafia o solo do campo. Ao semear a semente, ele entrega a semeadura às forças do crescimento e protege seu desenvolvimento. Entretanto, também a preparação

> do campo entrou na esteira de um tipo de preparação diferente, um tipo que põe <stellt> a natureza. Esta preparação põe a natureza no sentido do desafio. O campo é agora uma indústria de alimentação motorizada. O ar é posto para o fornecimento de nitrogênio, o solo para o fornecimento de minérios, o minério, por exemplo, para o fornecimento de urânio, este para a produção de energia atômica, que pode ser associada ao emprego pacífico ou à destruição. (HEIDEGGER, 2007, p.381)

De acordo com as palavras de Heidegger, a natureza passa a ser industrializada não tendo apenas o papel de corresponder ao ecossistema natural, que possui todos os seus ciclos naturais. A técnica altera a natureza e o homem passa não mais depender do sistema natural para produzir, não é mais necessário esperar que o ambiente esteja adequado para cultivar determinados alimentos, pois já existem estufas para que construa o ambiente propício para a produção, com a temperatura, iluminação e umidade adequada.

Baseado nas concepções do autor, podemos colocar em questão o fato do desafiar da armação oferece perigo à natureza questionando se o meio ambiente resistirá a essa solicitação constante que a técnica. O filósofo já nos alerta que a essência da técnica moderna pode ser efetivamente uma armação que será prejudicial à vida na Terra, podendo assim ser o meio de emersão do perigo ecológico. Até quando a natureza é capaz de corresponder à solicitação da armação, esse é um tema constante nas pesquisas que abordam problemas ecológicos.

Heidegger tem uma participação significativa sobre esse tema, pois ele nos faz pensar sobre esse assunto que é recorrente nas pesquisas atuais. Um dos pontos importantes que é abordado é sobre a postura do homem diante do desafiar da técnica. A natureza não é a única desafiada pela armação, o homem também é desafiado e o seu destino é estar aberto a essa experiência, não sendo apenas meio de subsistência da armação, mas o ouvinte que percebe tudo o que a armação tem a desvendar. “Apenas quando, por seu lado, o homem for desafiado a desafiar as energias naturais pode acontecer este desabrigar que requer algo <*bestellende*>”(HEIDEGGER, 2007, p.383).

O homem como participante essencial do desvendar da armação tem o papel de se pôr constantemente no seu destino de ser desafiado pela armação para o desvelar da verdade, sempre observando o que a técnica pode oferecer como consequência. Podemos refletir diante da postura de pessoa que se põe diante da armação com essa postura filosófica, e assim faz parte do desvelar da verdade de modo consciente, no sentido de experienciar o que há de verdadeiro sobre a técnica.

> Uma vez levado a estas possibilidades, o homem está a partir do destino, colocado em perigo. O destino do desabrigamento é, enquanto tal, em todos os seus modos, um perigo, e, por isso, necessariamente um perigo. Seja qual for o modo em que possa imperar o destino do desabrigamento, o descobrimento, no qual tudo o que é sempre se mostra, abriga o perigo de o homem se equivocar junto ao que está descoberto e falseá-lo. (HEIDEGGER, 2007, p.389)

Quando o homem se coloca em seu destino ele ainda não está isento do perigo da armação. Conforme a última citação, o homem pode está equivocado sobre o que entende como verdade desvendada pela armação, e uma vez que ele se conforma com essa descoberta elimina a possibilidade de conhecer o que há de verdadeiro sobre a técnica. Mais uma vez, isso mostra qual é a importância de se colocar constantemente em reflexão sobre o que a armação desvenda, porque isso pode nos mostrar que estávamos equivocados, não correndo o risco de nos tornarmos submissos a esse engano.

> A ameaça dos homens não vem primeiramente das máquinas e aparelhos da técnica cujo efeito pode causar a morte. A autêntica ameaça já atacou o homem em sua essência. O domínio da armação ameaça com a possibilidade de que a entrada num desabrigar mais originário possa estar impedida para o homem, como também o homem poderá estar impedido de perceber o apelo de uma verdade mais originária. (HEIDEGGER, 2007, p.390)

O perigo que a armação oferece ao sistema ecológico ocorre mediante do homem, pois o homem que perde sua essência de se pôr no seu efetivo destino em fazer parte do desvendar da verdade, abdica do seu poder alienando a armação que passa a impedir o homem de conhecer a verdade sobre o seu ser. Esse quadro impede o homem de ter a devida consciência sobre os verdadeiros impactos ecológicos que a armação pode oferecer ao meio ambiente proporcionando sérios problemas ecológicos. Então, os atuais problemas ecológicos que conhecemos são apenas uma pequena parcela de tudo que pode ser descoberto segundo a relação livre com a técnica, considerando que ainda temos muito forte a concepção instrumentalista da técnica e a dúvida fica sobre quais serão as novas descobertas diante as novas tecnologias.

CAPÍTULO III

A QUESTÃO DA OBRA DE ARTE

Para que seja possível entender a relação entre a técnica e a ecologia a obra de arte reciclável é necessário conhecer os conceitos básicos que Heidegger trata em seu livro A origem da obra de arte. Neste livro o filósofo busca encontrar a própria origem da obra de arte em si, ou seja, uma investigação filosófica a partir de estudos ontológicos, sendo assim não se trata de um estudo histórico da arte, e sim a busca pelo seu Ser. A partir disso deve-se questionar a plena realidade da obra de arte no seu caráter de coisa.

Heidegger defende a obra de arte existe por meio da dependência entre o artista e a obra, pois sem a obra de arte não é possível a existência do artista, da mesma forma que sem o artista a obra de arte não se concretiza.

Em busca de conhecer o Ser da coisa, Heidegger percebe a presença de aspectos que diferenciam a coisa "comum" da coisa como instrumento e da coisa como obra. As coisas "comuns" ou meras coisas, podem ser, por exemplo, uma pedra, um torrão de terra, um pedaço de madeira, todas essas coisas possuem particularidades e universalidades entre si. Nesse caso são consideradas meras coisas porque não possuem nenhuma função de instrumento como utilidade e nem de obra de arte. O conceito "coisa" também denomina indeterminadamente o que ainda não recebeu nome próprio de acordo com seu Ser. Isso ocorre quando nos deparemos com algo nunca visto.

O conceito de coisa pode ser denominado também nos instrumentos, como uma mesa, o aparelho de celular, o carro. Não são entes considerados como uma mera coisa, porque possuem caráter de utensílio, exercem a funcionalidade conforme suas características.

Existe a coisa como obra de arte que está além de entes, objetos, seres, estados, fatos, acontecimentos etc. Em meio a tantas coisas, a obra também é uma delas, mas existe algo que a diferencia de todos os possíveis modos de coisas que existem. Um exemplo disso pode ser a coisa como um caderno de anotações e o robô feito pelo artista plástico Gilberto Vieira Mendes, que ressignificou o lixo eletrônico no elaborar da obra de arte. A diferença entre uma coisa e outra está no fato de o caderno ser apenas um utensílio ou produto a ser utilizado, enquanto que a obra de arte não foi feita para o consumo e utilização. Essa obra foi criada com

objetivos diferentes que qualquer produto pudesse ser produzido, isso torna a obra uma coisa diferente de qualquer produto e utensílio.

Coisa é tudo o que existe e o que pode existir, desde as coisas mais restritas e complexas às meras coisas. Sabendo que a obra não é simplesmente mera coisa ou utensílio, o filósofo está em busca de entender o Ser sendo da obra, ou seja, o que torna a obra na sua concretude de ser e permanece sendo obra. Com base nisso, o autor caminha em busca da essência da coisa que consiste na sua coisidade, que diz sobre o cerne da sua existência, sendo o que determina seu Ser.

Nesse ponto, é interessante perceber que Heidegger está resgatando as questões sobre o Ser, refletindo filosoficamente sobre um conceito que passa despercebido quando temos apenas a compreensão do senso comum. Tirando esse conceito do seu entendimento considerado como "óbvio" quando não abordado cientificamente ou filosoficamente por meio do questionar ontológico.

A essência da coisa é a característica comum entre todas as coisas existente, sendo algo que define seu Ser estando presente em todos os diferentes modos de coisa.

> É um fato conhecido que, já desde há muito, tão logo a questão foi colocada "O que é o sendo em geral?", as coisas em sua coisidade sempre de novo se impuseram como o que se torna padrão para o sendo. Por conseguinte, já temos que encontrar, nas interpretações tradicionais do sendo, a delimitação da coisidade das coisas. (HEIDEGGER, 2010, p.49)

A coisidade da coisa é entendida por Heidegger como característica permanente, presente no ser-coisa, esse caráter de permanência é dito como o sendo da coisa, que estabelece um padrão dentro de uma gama de coisas diferentes. Inicialmente, já foi apresentado os três tipos de entes diferentes: o Ser como mera coisa, o Ser instrumento e o Ser obra. Todos esses entes possuem semelhanças entre si, por isso podem ser todos identificados pelo conceito de coisa, e ao mesmo tempo podem ter até três tipos de interpretações diferentes: primeira é a coisa substancial, a segunda é sensorialista e a terceira como matéria é formada.

A primeira interpretação diz respeito a conceituação substancial, que defende a existência de uma substância permanente que concebe sua singularidade, resistente aos possíveis acidentes. Dessa forma, a coisa pode ser apenas uma sustentação de diversos acidentes possíveis, ou seja, um suporte de ilimitadas variações de características.

> A coisa é, como qualquer um acredita saber, aquilo em torno do qual as propriedades se reuniram. Fala-se en-

> tão do cerne das coisas. Os gregos devem ter nomeado isto to hypokeimenon. Este caráter de cerne da coisa era para eles, de certo, o que servia de fundamento e o já sempre existente. Porém, as características se denominam ta symbebekota, aquilo que também sempre já foi posto com cada existente e em virtude disso com ele aparece. (HEIDEGGER, 2010, p.51)

Uma alusão correspondente para entender como funciona essa interpretação sobre a coisa é um computador que possui diversas propriedades necessárias para ser um computador. Essa máquina possui cor, forma, peso, que compõe o que ela é, mas existe algo de substancial sobre sua existência, que consiste na placa mãe. Essa é a ferramenta essencial para o funcionamento do computador, na ausência dessa peça o computador não pode ser o que é, pois não funciona devidamente. As outras características ou propriedades são os acidentes, aquilo que pode variar como a cor, o peso, ou o tamanho, são aspectos que não alteram o caráter ontológico do computador, pois ele continuará sendo o que ele é.

Essa interpretação tradicional da coisa tem origem grega, significa o "cerne da coisa" como *to hypokeimenon* e as características vêm da palavra *ta symbebekota*. Quando esses termos são traduzidos do grego para o latim, a palavra hypokeimenon é traduzida como *subjectum* (substância) e a palavra *symbebekota* é traduzida para accidens (acidentes). Segundo Heidegger, essas mudanças de significados origina um problema filosófico.

> No entanto, afirma Heidegger, esta compreensão é modificada a partir da transição do grego para o latim, influenciando, dessa forma, toda a tradição filosófica. Enquanto que no pensamento grego a estrutura da proposição se adequa à estrutura da coisa – Hypokeimenon – na transição para o latim ocorre o oposto, a coisa se adequa ao intelecto – Subjectum -, não mais aparecendo no eu estar-a-ser originário, mas a partir de uma mera interpretação do intelecto humano, que atribui "qualidade" à coisa. (FERNANDES, 2011, p.27)

Esse erro na tradução do grego para o latim, segundo o autor, acontece pela falta de imersão no verdadeiro experienciar que a palavra coisa possui, só é possível sua compreensão após ocorrer à imersão nesse experienciar que os gregos tinham sobre a coisa. Nesse ponto, Heidegger defende que é nesse problema que inicia a carência no pensamento ocidental, pois isso vai influenciar diversos entendimentos errados sobre o conceito de coisa. Como pode ocorrer com a ideia de

coisidade da obra sobre a arte, vendo que a arte pode ser apenas uma substância que sofre diversos acidentes, não revelando o que a coisidade da obra realmente tem a nos mostrar.

Essa interpretação apresentada anteriormente sobre a coisa não condiz com o que o filósofo alemão está em busca, pois o conceito latino-romano de *subjectum* (substância) e de *accidens* (acidentes) não diz sobre a coisidade da coisa. Essa compreensão apresenta a coisa apenas como composição de uma enunciação simples, não indica o cerne da coisa, pois só diz respeito a sua estrutura. Segundo essa ideia da estrutura Heidegger questiona: "É a estrutura da enunciação simples (a ligação de sujeito e predicado) a imagem reflexa da estrutura da coisa (da união da substância com os acidentes)? Ou a estrutura da coisa é assim apresentada e projetada de acordo com a montagem da proposição?" (HEIDEGGER, 2010, p.53).

A partir desse questionamento o autor mostra que na visão da coisa pela ótica da estruturação com base em sujeito e objeto, não é possível encontrar a coisidade da coisa, pois ela apenas "agride" e "força" o entendimento da coisa com base na substância e acidente.

A segunda interpretação sensorialista da coisa diz sobre o que pode ser perceptível aos sentidos.

> A coisa é o *aisthetom* [sensível], o perceptível nos sentidos da sensibilidade através das sensações. Em consequência disso, torna-se mais tarde corriqueiro aquele conceito de coisa que não é senão a unidade de uma multiplicidade dada nos sentidos. Se esta unidade é concebida como soma ou totalidade ou figura, nada muda no impulso paradigmático deste conceito de coisa. (HEIDEGGER, 2010, p.59)

Nessa interpretação, a coisa é entendida mediante da percepção que sua materialidade oferece aos sentidos, através da pluralidade de características que ela possa ter. Isso de alguma forma fica muito dependente de quem vai sentir o quê.

> Tal reflexão sinestésica conduz ao imediatismo, como se fosse possível, pela percepção sensível obter a experiência originária da coisa, enquanto um puro sentido. Entretanto, não há como acessar um puro sentido, pois não se dá uma pura percepção, assim como, por exemplo, não se dá um puro pensar. Nesta perspectiva, a sensação não acessa a coisa-em-si, pois sentir não é o mesmo que perceber através dos sentidos (aisthésis) a coisa mesma. (FERNANDES, 2011, p.28)

Conhecer a coisidade da coisa vai além de sentir a coisa apenas com as apreensões dos sentidos. Quando Heidegger se põe na busca sobre origem da oba de arte, ele está se propondo a um questionamento que está mais à frente de questões empíricas. Essa interpretação não ajuda a encontrar a essência da coisa, pois ela se coloca mais próxima do que é material.

A terceira interpretação que o filósofo revela sobre a coisa é também com base na Filosofia Antiga, assim como as duas outras interpretações citadas anteriormente. O caráter de coisa da obra de arte é abordado a partir dos conceitos aristotélicos, conforme essa conceituação a coisa é composta de matéria (hyle) e forma (morphé). De acordo com essa interpretação, a obra é entendida como coisa que recebeu forma através da matéria.

Desse modo, o Ser da obra de arte é concretizado quando recebe a materialização e a forma, é isso que constitui a obra. Quando uma obra é esculpida, antes mesmo de ela ser esculpida foi pensado sua forma e assim na matéria foi moldada. A composição de matéria e forma são permanentes e inegáveis sobre o aspecto coisal, a questão é se esse aspecto apresenta a coisidade na obra de arte, mas pode que corresponde a coisidade da obra de arte?

Segundo Heidegger, esses conceitos estão mais próximos de uma visão utilitarista da coisa, que diz respeito a uma matéria que recebe forma para uma determinada utilidade. Simplesmente ser uma matéria formada não torna a coisa uma obra de arte, por isso que existe a diferença entre a obra de arte e um utensílio, ambos possuem a essência da sua própria coisidade diferentes.

> A distinção entre matéria e forma é, e na verdade nas mais diferentes variedades, pura e simplesmente o esquema conceitual usado em todas as teorias da arte e da Estética. Este fato incontestável não comprova nem que a distinção entre matéria e forma seja suficientemente fundamentada nem que ela permaneça originalmente a âmbito da arte e da obra de arte. (HEIDEGGER, 2010, p.63)

Conforme a citação acima, o autor defende que o fato da coisa possuir matéria e forma, não dá base para que a coisa seja considerada uma arte ou uma obra de arte. Nesse caso pode fundamentar a ideia de utensílio, visto que todos possuem matéria é necessariamente uma forma para que seja um utensílio, pois uma mera coisa não possui forma, no sentido de ser manipulada pelo homem.

Isso acrescenta o caráter de funcionalidade à coisa e isso a determina como útil. Como um celular que tem como finalidade fazer ligações,

que foi possível ser coisificado na matéria que foi manipulada pelo homem e assim recebeu uma forma, consequentemente foi atribuído funcionalidade a essa coisa que chamamos de celular.

A obra de arte não possui uma função definida, pois ela tem sua finalidade em si mesma, dessa forma não possui o caráter de utilidade e sim de autossuficiência. A obra de arte não é produzida para ser usada e posteriormente descartada apesar de possuir o ser-utensílio da coisa que dá a possibilidade de existência concreta. O autor chega ao ponto de abandonar a busca pela coisidade da coisa, pois percebe que esse questionamento tem base na abordagem Teórica Estética e não uma busca poética pela obra de arte. Todas as interpretações apresentadas sobre a coisidade da obra de arte são compreensões que deram fundamentação para o desenvolvimento dessas Teorias Estéticas, devido a isso que o autor encerra sua busca por esse questionamento que sempre levará a essas teorias e não ao encontro do originário da arte.

Deixando de lado a busca pela essência da coisa Heidegger inicia o questionamento sobre "A obra e a verdade", que procura a origem da obra na verdade. Podemos conhecer a arte em si por intermédio da verdade? O autor considera possível quando o artista possui uma postura indiferente diante da obra, conforme Marques comenta na citação abaixo:

> Não só a coisa é importante para o reconhecimento da obra, o artista também é um elemento responsável pela existência da obra. Heidegger considera o artista como algo indiferente da obra depois dela realizada. Para ele o artista é o acesso à obra. Ele é o que anula a si próprio para o surgimento da obra. É como se o SER da obra fosse realizado por ele, mas não pertencesse a ele e sim, a própria obra. É aonde a obra vem a SER. (MARQUES, 2012, p.08)

O artista possui a função fundamental sobre a obra, que é a de produzir a obra de arte, pois sem o seu ato de produzir a obra de arte, o homem não é capaz de ser artista e a obra não é capaz de existir. Conforme a citação anterior, podemos entender a importância do aspecto coisal da obra de arte a partir da sua necessidade de ser produzida, e de acordo com Marques é esse aspecto que permite a obra se apresentar. O fato de a obra ter seu aspecto coisal e precisar ser produzida, não define sua origem conforme foi explicado anteriormente, sobre a questão da coisa e a obra. Nesse ponto, devemos levar em conta que o artista é um meio de manifestação da arte, como se a arte passasse para que seja produzida mediante de algo material, sendo o artista é aquele que deixa a obra passar por ele, de modo impessoal, pois a obra pertence a ela mesma e não ao artista.

Podemos pensar então que a arte é um ser autônomo, que passa pelo artista e assim se manifesta com base na da obra que foi produzida. A arte necessita dessa intermediação do artista para que ela consiga existir, o artista é quem traz a frente o que a arte quer manifestar. Como então o artista pode ser tão impessoal diante da arte? A arte para Heidegger é autônoma, por isso não faz parte do artista, após sua produção o artista se retira da arte e ela existe por si só. O artista não está na obra constantemente, a partir do momento em que ele finaliza a obra, já não mais interfere nela, assim a obra continua sendo o seu ser obra no que ela própria é.

O artista que possui essa relação livre com a arte, deixando de lado todos os possíveis interesses dessa produção, manifestando o mais puro criar e ser-obra na sua elaboração artística. Esse modo de produzir do artista é semelhante ao experienciar de modo livre a técnica, quando o homem deve deixar de lado todos os seus preconceitos e assim consegue se colocar no destino seu para desvendar a verdade. O artista não produz a arte como um instrumento, como um produto que tem como destino o comércio ou como propriedade da história da arte, o artista cria e está diante da obra por meio dessa relação livre com a arte eliminando todos esses pressupostos.

Segundo o filósofo alemão, a obra deve ter referência nela mesma, abrindo-se para ela mesma onde o acontecimento da verdade está em obra. Podemos entender isso mediante da produção artística de Mendes, a sua obra de arte apresenta seu ser através da sua abertura dela para ela própria, ela não se abre para outro motivo que não seja para sua existência, caso contrário não manifestaria o ser-obra e sim para outro propósito. Caso o ser-obra se manifestasse com o propósito de comercialização, já não seria considerado por Heidegger como arte, e sim como o ser-objeto como um utensílio, instrumento ou produto, não tendo o caráter artístico.

O autor usa como exemplo o templo grego para explicar como ocorre o acontecimento da verdade na obra, usa esse exemplo porque não se trata de uma obra figurativa como uma pintura, o templo consiste justamente em algo concreto, que possui um espaço específico e único. O templo tem seu caráter sagrado que permite a presença do deus fundamentando no que a obra do templo extrai do rochedo que dá base para sua existência e resiste ao tempo e aos fenômenos naturais, repousando em um desabrochar em si. Isso atribui mais características no templo, sendo nascimento e morte, benção e maldição, vitória e derrota, são atributos que fazem compõem o que o homem entende como destino.

Heidegger tem o templo como exemplo por não acreditar que uma obra como a escultura “Éginas” na coleção de Monique e a *Antígona* de

Sófocles tenha o caráter do que diz sobre o ser-obra da arte, porque considera que elas foram tiradas do seu espaço essencial e graças a isso foram extraídas do seu mundo. Mesmo que se tenham todos os cuidados para que preservem todos os quesitos físicos e interpretativos da obra de arte, quando se procura a obra no seu mundo já não é possível mais de encontrar. No momento em que a obra é tirada do seu mundo ela passa a ser considerada uma obra de arte arruinada que nunca poderá ser reconstituída, porque o seu mundo não pode ser mais restituído uma vez que foi arruinado.

A obra passa a ser vista apenas como um objeto, o seu mundo foi perdido e ela não se situa mais onde está. Dessa forma podemos entender que o filósofo está nos dizendo que não é mais possível experienciar a arte de modo verdadeiro. No momento que a obra de arte perde seu mundo ela perde também a si mesma, ficando à mercê do seu simples aspecto material. A obra não permanece mais em si e dessa forma não existe mais o ser-obra na obra de arte, resta apenas o ser objeto.

> A obra agora é autônoma. Sendo assim, a obra não é obra por que foi produzida por um artista, mas pelo artista através da arte, criar uma obra. Isso significa que nem sempre o artista, será artista na poluição de um utensílio, pois não é a determinação de artista que gera a obra. Considerando que o artista é o meio pelo qual a arte é realizada, Heidegger questiona as obras que se encontram penduradas em exposições que em sua maioria talvez estejam ali pelo nome do artista. Por isso a crítica de Heidegger a dinâmica atual do mundo da arte é dura. Para ele as obras que aí estão ruíram. (MARQUES, 2012, p.09)

Diante da crítica de Heidegger de acordo com a última citação, proponho a reflexão sobre a obra de arte contemporânea que tem como matéria prima o lixo eletrônico. Nesse ponto, podemos concordar que o lixo eletrônico pode está em toda parte que a técnica moderna presencia. Posto isso, podemos considerar que a obra de arte pode emergir no artista em todo espaço que está o lixo. E o artista como Gilberto Vieira Mendes consegue deixar a arte passar por ele e com isso permite a criação de suas obras artísticas, ressignificando o lixo por meio do aspecto material, o lixo deixa de ser lixo para se tornar uma obra de arte.

Quando a obra de arte feita do lixo eletrônico é instalada, ela não necessariamente precisa acompanhar o nome do artista que a produziu para que seja considerada arte. Conforme Heidegger defende, a arte existe para pôr em obra a verdade, sendo assim conseguimos perceber

o que a arte reciclável é capaz de nos desvendar sobre o seu ser obra, mesmo que não seja o templo grego que foi usado pelo filósofo como exemplo de obra de arte verdadeira. O fato do lixo eletrônico estar em qualquer lugar, pode-se considerar que o emergir da arte tem a possibilidade de ocorrer no lugar que é encontrado. Visto que podemos transformar o que era lixo em obra de arte e através da ressignificação desse material desvendar algo verdadeiro.

O mundo da obra de arte reciclável é a globalização da tecnologia que desvela seu descarte como um problema ecológico, dessa forma a obra de arte que emerge do lixo eletrônico está generalizada, não possuindo um único espaço assim como o templo possui. O lixo eletrônico mundifica o mundo de um modo diferente no qual Heidegger conheceu no século XX, o que dá potencialidade ao emergir global da arte no homem em diversos lugares ao mesmo tempo. A potencialidade desse emergir está na produção do lixo eletrônico que existe como consequência de um desvelar da tecnologia moderna.

Retornando a reflexão sobre o templo, sabemos que ele possui todos os significados que permitem a presença do deus para o homem que também presencia o templo, em uma experiência livre de preconceitos, permite o homem perceber toda a abrangência do mundo que o templo tem. Heidegger diz em seu texto sobre "A questão da técnica" que o destino do homem está em se pôr no revelar da verdade, e nesse ponto percebemos que o homem está diante da obra de arte como um ser que deve ter a abertura para experienciar a verdade da arte.

O templo como obra arquitetônica repousa sobre a natureza, a sua existência se dá por meio da natureza que desabrocha em si mesma. Existe uma significativa diferença entre a obra de arte e a natureza, ela (natureza) está no modo de desabrochar. A obra de arte precisa da intervenção humana para que possa existir, conforme já foi dito, a obra de arte necessita do artista como modo de manifestação da arte, para depositar a arte em obra, e a partir da obra que consiste na abertura de seu mundo exposta. Já a natureza desabrocha nela e por ela mesma, não precisando de nenhuma intervenção que além dela mesma por ela mesma, trata-se de um ser autônomo e autossuficiente, livre de qualquer dependência com a humanidade.

> Este surgir e desabrochar em-si e no todo, os gregos denominaram, já muito tempo, a physis. Ela clareia ao mesmo tempo aquilo que sobre o que e em que o homem funda seu morar. Isso nós denominamos a Terra. Do que a palavra Terra aqui significa deve-se afastar tanto a representação de uma massa de matéria

> aglomerada como também, segundo a astronomia, a ideia de planeta. A Terra é aquilo em que se reabriga o desabrochar de tudo que, na verdade, como tal, desabrocha. Nisso que desabrocha, a Terra vige como a que abriga. (HEIDEGGER, 2010, p.104)

Conforme apresenta a citação, para Heidegger, o conceito de Terra não se refere ao conceito astrológico ou componente do sistema ecológico, mas a tudo o que compõe a complexidade e fenômenos da natureza. O filósofo entende a Terra como o morar de todas as coisas que possam existir no nosso mundo, o que inclui o morar do homem que habita a Terra e nela mostra a verdade por meio do chamado que o faz produzir. A Terra é viva no seu próprio desabrochar e reabriga tudo que nela é desabrochado.

Partindo do aspecto material ou coisal da obra, Heidegger trata do sentido que o instalar tem para a obra de arte. A Terra abriga o acontecimento da verdade na obra de arte e consequentemente abriga o instalar da obra de arte, que segundo ele não se trata de um mero instalar conforme é dito na citação:

> Quando uma obra é colocada numa coleção ou apresentada numa exposição, diz-se que foi instalada. Mas este instalar é essencialmente diferente da instalação no sentido da edificação de uma obra arquitetônica, de erigir uma estátua, da apresentação da tragédia na celebração da festa. Esta instalação é o erigir no sentido de consagrar e glorificar. Instalação não mais significa aqui o mero colocar. (HEIDEGGER, 2010, p.107)

Seguindo o raciocínio do filósofo, a obra requer a instalação diferente do instalar que conhecemos do nosso cotidiano, como o instalar de um aparelho, de uma rede elétrica, sendo a instalação de instrumentos para o simples uso. Quando vamos a uma exposição de arte percebemos que ela foi instalada no espaço de um modo diferente dos tipos de instalações de objetos. A obra requer a instalação de um modo que a coloque como centro dela mesma, ela requer iluminação no espaço que habita. Sua instalação requer tudo isso, porque a arte requer esse modo que a consagre e a glorifique.

Esses aspectos apresentados pelo autor mostram como é semelhante ao que foi colocado sobre o templo grego, que por intermédio da sua edificação permite a presença do deus tornando o espaço sagrado, concedendo a abertura para o que a Terra abriga. O mesmo acontece com a obra que requer a instalação que consagra e glorifica, porque é através disso que ela permite a instalação de um mundo que também tem a abertura da Terra que abriga o desabrochar.

> O *mundo mundifica,* sendo mais do que o que se pega e percebe, com o que nós acreditamos familiarizados. Mundo nunca é um objeto que fica diante de nós e pode ser visto. Mundo é o sempre inobjetável, ao qual ficamos subordinados enquanto as vias de nascimento e morte, bênção e maldição nos mantiveram arrebatados pelo ser (a). (HEIDEGGER, 2010, p.113)

O Ser-obra é o que instala um mundo, segundo Heidegger é que permite reconhecer o aberto do sendo, é o que permite ter a capacidade de perceber a existência das coisas. Os seres inanimados não possuem a capacidade de perceber e possuir o mundo, plantas, pedras, objetos como aparelhos eletrônicos, móveis etc. porque não conseguem apreender a noção de mundo, eles fazem parte do que compõem a consciência de mundo na intelecção dos homens, mas não possuem seu próprio mundo.

A instalação para Heidegger não é considerada uma mera instalação porque além de ser uma instalação que consagra e glorifica, é a instalação que traz algo além do que é material, quando a obra é instalada, se instala também a abertura para um mundo. A instalação do mundo é uma das características essenciais do ser-obra, porque torna possível e efetiva a abertura do Mundo para a verdade.

Dessa forma, quando vamos a uma exposição de arte só conseguimos ter consciência sobre sua amplitude de ser-obra quando nos deparamos com o objeto da obra, não seria capaz de perceber o que é o ser da obra se ela não estivesse sido instalada, isso torna a instalação uma das características essenciais do ser-obra, mas não a única, pois a essência da arte não está apenas no seu aspecto coisal.

> Quando uma obra é pro-duzida a partir deste ou daquele material – pedra, madeira, bronze, cor, língua, som – também se diz que ela foi elaborada com esse material. Mas assim como a obra exige uma instalação, no sentido do erigir consagrante e glorificante, porque o ser-obra da obra consiste em uma instalação de mundo do mesmo modo torna-se necessária a elaboração, porque o ser-obra da obra em ele mesmo o caráter da elaboração. (HEIDEGGER, 2010, p.113)

De acordo com a citação, a obra necessariamente precisa ser elaborada para ser obra, pois ela requer isso no seu próprio ser. Uma pedra quando insculpida passa a ser uma obra de arte com base na da elaboração da arte na pedra, caso fosse simplesmente uma pedra em qualquer lugar não possui caráter de obra de arte para Heidegger. Com base nisso a obra requer à instalação que consagra e glorifica

porque ela não se limita em ser apenas um objeto que consiste num material lapidado como um utensílio qualquer. O ser-obra é mais que um utensílio por não ser algo simplesmente feito com o objetivo de ser usado e/ou consumido. A obra é o que mantém a abertura do seu mundo aberta, e quanto mais a obra estiver distante do conceito de utensílio mais estará próxima do seu efetivo propósito, a obra não é feita para ser gasta pela utilização, ela é conservada em seu próprio requerer da instalação. Com base nisso, é possível entender que a obra não está delimitada ao seu aspecto material, pois o próprio ser-obra se sobrepõe ao material caso contrário ela não seria capaz de manter o aberto do seu mundo, tornando-se apenas utensílio a ser consumido.

> Para onde a obra se retira e o que ela deixa surgir neste retirar-se, nós denominamos Terra. Ela é a que faz surgir e que abriga. A Terra é a que não sendo forçada a ada é sem esforço e infatigável. Sobre a Terra e nela o homem histórico fundamente seu morar no mundo. No que a obra instala um mundo, elabora a Terra. O elaborar é pensado aqui no sentido rigoroso da palavra. A obra move e mantém a própria Terra no aberto de um mundo. A obra deixa a Terra ser uma Terra. (HEIDEGGER, 2010, p.115)

Quando nos referimos ao fato de que o ser-obra se sobrepõe ao aspecto utensílio da sua materialidade é em relação ao retirar-se da obra. De acordo com as palavras de Heidegger na citação, o retirar-se é denominado Terra. O conceito de Terra que Heidegger crio está relacionado ao modo de produção da natureza, que ocorre dela e por ela mesma não necessitando de nada além do que ela é constituída. Diferentemente ocorre a produção de uma obra de arte que precisa da intervenção do homem e da matéria prima para que a obra se concretize. Dessa forma, ao nos depararmos com uma obra de arte, que tem aspecto material, nós conseguimos perceber a abertura (semelhante ao florescer da Terra) do seu ser-obra quando a própria obra se sobrepõe a sua matéria. O perceber dessa obra é o que a faz retirar-se e dar espaço a Terra, ou seja, ao florescer do ser-obra da obra.

Heidegger afirma que uma das características essenciais da obra é instalar o mundo e elaborar a Terra como um dos traços fundamentais do ser-obra. Um pertence ao outro no que compõe o ser da obra de modo uno. Acontece o repouso da obra na própria obra, ou seja, o repouso em si, sabendo-se que o repouso é o que de algum modo não possui movimento, mas nesse caso o filósofo defende que nesse repouso há um movimento reunido no interior, dessa forma a obra repousa em si e por

meio disso possui no seu interior a reunião de um movimento. E assim é possível apreender qual é a mobilidade do acontecer no ser-obra.

A Terra e o Mundo são completamente diferentes e nunca estão separados, pois o Mundo tem suas bases na Terra e a Terra precisa da existência do mundo para que possa existir no seu surgir que ocorre mediante do mundo. A dinâmica entre ambos acontece através de uma disputa onde cada um luta para que a autoafirmação se sobressaia em relação ao outro, de modo que se rendem à originalidade do seu próprio ser. A disputa faz com que cada vez mais um vá para além do outro, tornando-se cada vez mais inflexível, mas como são dependentes um do outro eles não conseguem se anular, de modo que o Terra precisa da abertura do mundo para que manifeste-se e o Mundo depende dela para poder fundamentar-se.

É por meio do repouso que existe na obra, que Heidegger diz ser possível reconhecer o que está em obra na obra, o que está posta na mesma é a verdade, essa é uma afirmação que o filósofo explica segundo o conceito "sendo". No primeiro capítulo desta monografia, já tratamos do significado da palavra verdade, de acordo com o grego está relacionado a *aletheia* no sentido de desvelar o que estava oculto. O autor comenta também que a verdade está no que corresponde à realidade, o conhecimento que condiz com a coisa.

A essência da verdade para o filósofo surge no revelar do sendo, não se trata de algo que o homem tenha poder para pressupor que aconteça, pois se trata de algo que está no comando do sendo e é ele que nos direciona para o descobrir do ente que se faz presente. O sendo permanece necessariamente no ser e possui uma clareira que nos permite ter acesso sobre o que o sendo nos revela sobre si, mas isso pode acontecer de modo dissimulado pelo velamento, isso evidencia que o homem não possui domínio sobre o desvelar do sendo. A partir disso o pensador argumenta que quando a verdade nos mostra algo, a sua essência pode estar dissimulando algo que não nos permita determinar se o que está sendo mostrado é realmente real. A verdade pode então se mostrar como não-verdade, pois ela oculta o que faz parte e o que não faz sobre o seu ser, podendo revelar o seu contrário.

O aberto que a essência da verdade possui em si é o mesmo que ocorre no aberto do Mundo e no que fecha a Terra, mas ambos não se resumem nisso, pois o Mundo é composto do decidir não dominado, assim como a Terra possui o domínio de fechar-se em si.

> Na obra está em obra a verdade, portanto, não apenas algo verdadeiro. O quando que mostra os sapatos do

> camponês, o poema que diz inauguralmente a fonte romana manifestam não somente o que este sendo isolado é como este sendo, caso eles manifestam, mas deixam acontecer (a) o desvelamento como tal em referência ao sendo no todo. (HEIDEGGER, 2010, p.141)

De acordo com as palavras de Heidegger na citação, na obra a verdade se põe em obra no sentido de possuir as lacunas que o sendo permite clareadas para que a verdade seja desvelada. Conforme com o que foi explicado sobre a essência da verdade, ela pode mostrar a verdade e a não-verdade na sua abertura, isso mostra que na obra a verdade está em obra, podendo não desvendar o que realmente seja verdade sobre a obra. Quanto mais essencial a obra se mostra mais o sendo se apresenta intensamente e o ser que se mostra é iluminado, e essa luz que ilumina o ser da obra que brilha e reflete o que de verdade e nos possibilita apreender a verdade. Chegamos ao ponto que o filósofo nos apresenta o belo sobre a obra, ele se apresenta no que a verdade deixa revelar e a luz ilumina, sendo a beleza um modo acontece desvelar a verdade.

3.1 Ressignificação do lixo eletrônico na obra de arte

Com base nos conceitos apresentados por Martin Heidegger sobre a "A questão da técnica" percebe-se que a técnica tem como desvelamento o problema do descarte como consequência da produção de lixo eletrônico. A partir disso é gerado o problema do lixo eletrônico que tem como base a questão da instrumentalidade da técnica e o perigo que emerge da armação. Posto isso, o projeto Arte reciclável é apresentado como fundamentação para a ressignificação do lixo eletrônico tendo como apoio os conceitos apresentados por Heidegger na sua obra "A origem da obra de arte".

O projeto Arte reciclável iniciou em 2011 por Gilberto Vieira Mendes[3] que já possuía experiência com materiais eletrônicos desde 1977. O fato do artista ter contato direto com o descarte de aparelhos eletrônicos ele passou a ver nesse material um meio de produzir obras de arte que englobam a consciência sobre a utilização de aparelhos eletrônicos, a possibilidade criativa de reutilização de matérias, a conscientização ambiental sobre a ética ecológica, o desenvolvimento sustentável, entre outros conhecimentos, e reflexões que suas artes podem provocar.

---

3 Graduação: Gestão Tecnologia da Informação pela Universidade Paulista (Unip). Cargo: Funcionário público federal do Instituto Tecnológico Aeronáutica (ITA).

Diante da problemática global, o projeto Arte Reciclável tem como objetivo trabalhar de modo inteligente solucionando a questão do lixo eletrônico, e-lixo ou lixo tecnológico. Esses materiais quando são descartados indevidamente no meio ambiente podem contaminar os lençóis freáticos, assim pode entrar em contato com a sociedade provocando doenças a vida humano. A proposta põe em obra de arte um meio de conscientização das pessoas para a conservação do meio ambiente. Faz uso da arte como um meio de manifestação para a produção criativa de obras que instigue o pensamento e reflexão sobre os problemas que rondam o descarte de aparelhos eletrônicos.

O projeto não tem pretensão de resolver todos os problemas referentes à temática, mas usa a arte e lixo eletrônico como base para educar e conscientizar. Posto isso, o projeto tem como base a criatividade e a arte como meios conceituais que possibilitam o desenvolvimento da economia criativa tento como matéria prima matérias recicláveis que promovem educação ambiental durante sua produção e apresentação. O Robô feito de lixo tecnológico possui dois metros de altura e funciona por meio de energia solar, seu controle remoto é um celular reutilizado que possibilita sua comunicação através da linguagem da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Figura 3: Robô

Fonte: (CORRÁ, 2014)

O artista consegue aplicar nessa obra de arte conhecimentos sobre ciências físicas e matemáticas junto aos seus conhecimentos em robótica e automação no produzir artístico, efetivando a criação desse Robô. Esse trabalho é proposto para escolas de ensino regular que não possuem laboratório e para ensino à distância, por ser feito a partir da reciclagem e reutilizações de matérias e precisar de ferramentas de alto custo. Diante disso, a criatividade para esse modo de produção é possivelmente ilimitada quando bem direcionada, podendo ser objeto de estudo interdisciplinar nas escolas.

O projeto visa o bem-estar da sociedade por essa razão agrega valor e inclusão social dando acessibilidade e assistência a pessoas como deficiência. Oferece apoio mediante de doações de parte dos lucros obtidos em apresentações, venda de obras e cachês para instituições filantrópicas. Perante isso, o projeto está aberto ao compartilhamento de suas ideias para a comunidades podendo favorecer a produção e comercialização de obra colaborando com o desenvolvimento empreendedor.

Ao analisar a estrutura do projeto, é possível perceber que possui o conceito de sustentabilidade em prática quando faz uso e ressignifica matérias vindas de aparelhos eletrônicos descartáveis. Posto isso, é incentivado o pensamento social e ecologicamente correto, sendo o meio do despertar ampliar as possibilidades de pensar como meio de solução para os problemas ecológicos globais.

Esse projeto foi apresentado em sete estados brasileiros (Amazonas, Bahia, Distrito Federal – Brasília, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), levando ao público através de exposições itinerantes com empresas de São José dos Campos do estado de São Paulo e através da exposição permanente no Espaço Cultural Capgemini localizado na cidade de Barueri em São Paulo. O projeto é levado pelo artista que oferece interação e explicação sobre sua experiência com a criação da obra favorecendo ainda mais a proposta de reflexões que o projeto tem como objetivo.

É possível encontrar nesse projeto a ressignificação do lixo eletrônico tendo em vista que por meio dessa matéria prima que se desenvolve todas as pretensões e objetivos, posto em prática na construção da obra de arte. O descarte de aparelhos faz com que o seu material não tenha mais o mesmo significado e utilização para sociedade, é excluída a sua possível utilização e consequentemente desvalorizado. Diante disso, o ato de instituir um novo significado a essa matéria, regata nele todas as possibilidades de criação e valorização sobre seu ser. Sendo assim, o que era considerado lixo pela sociedade passa a carregar em si o significado de obra artística abrindo um mundo de conscientização sobre os problemas ecológicos globais do descarte de matérias.

Nesse projeto a técnica de criação colabora com a elaboração do criar artístico, unindo os conhecimentos técnicos do artista a sua capacidade de deixar manifestar a arte seu agir criativo. Percebe-se que ao mesmo instante em que a técnica pode causar prejuízos à natureza e ao homem mediante do consumo indevido de aparelho tecnológicos assim como seu descarte, ela também pode desvendar um meio de solução para esses problemas. Isso possivelmente ocorre por intermédio do pensar reflexivo e filosófico sobre o problema, como é feito pelo filósofo Martin Heidegger que levanta a questão sobre a técnica, colocando seus leitores a busca pelo ser da técnica e problematizando todos assuntos possíveis interpretações errôneas.

Dessa maneira, consegue-se encontrar nesse projeto a ressignificação do lixo eletrônico e além disso toda a problemática que envolve esse assunto, sendo a questão do descarte de todo esse material dessignificado, os problemas ecológicos possíveis de serem causados ao meio ambiente. Usa de alicerce para a criação de obra de arte que serve de base e dá materialidade para a prática o pensar filosófico que visa aproximar-se do que há de verdadeiro sobre as questões que a técnica nos oferece existencialmente. Tendo a visão de Heidegger sobre o assunto é possível estabelecer o traçado de pensamentos infinitos sobre a temática, construindo o pensamento consciente sobre os problemas ecológicos.

3.2 A Arte como possibilidade de salvação

No final da conferência “A questão da técnica” Heidegger apresenta a relação entre a técnica, a arte e a verdade, com propósito de mostrar que na arte é possível encontrar a salvação no desvelar da técnica. A partir de significados etimológicos da palavra arte, encontramos a *téchne*, desta forma existe algo de técnico na arte, que produz, se relacionando ao desabrigar, trazendo à frente à verdade.

Os gregos, diz Heidegger, usavam a palavra "*téchne*" tanto para o artesanato como para a arte. Mas, essa palavra não significa propriamente "nem o artesanato, nem a arte, nem, por certo, a técnica no sentido de hoje". Não se trata nem mesmo de "um modo de performance prática em geral". A palavra significa antes "um modo do saber", no sentido de "recepção do presente como tal /na sua presença/" (1954, p. 47), isto é, de "desocultamento do ente" na sua verdade”. (LOPARIC, p.11).

Conforme dito por Loparic, arte para o grego antigo significava um modo de saber, o ser através da técnica manifesta artisticamente algo de sua essência. Quando o homem produz algum tipo de arte, ele revela seu ser no

que foi produzido, é por meio desse tipo de manifestação que ele participa da produção e consequentemente do desvelar da verdade pela arte.

Em sua obra "A origem da obra de arte", Heidegger se coloca em busca do originário da arte para entender como ela se põem na obra, refletindo sobre o processo de criação, de desvelamento da verdade e sobre como a *poiesis* está presente e acontece no produzir da obra de arte. Com base nisso disso apresenta-se nesse texto os principais conceitos do filósofo sobre a arte para refletir sua relação com a salvação que emerge da armação.

Quando Heidegger descobre que o ser-obra é o que põe a verdade em obra, não chega ao ponto de explicar qual é a origem da arte da obra de arte, no momento em que começa a tratar do ser-obra o pensamento é todo voltado ao aspecto coisal da arte e não propriamente ao que seja a origem da arte. Dessa forma, percebe-se que a origem, a obra e a arte participam de um mesmo composto, não significando que sejam a mesma coisa. Posto isso, o filósofo inicia a busca pela origem da arte na obra de arte, que está na essência do criar.

Segundo o filósofo, o que é obra necessariamente precisa ser-criada, é através da criação que a obra (*Werk*) é realizada (*Gewirkre*)[4], sendo possível apreender o ser-criado a partir do processo de criação. Isso chama a atenção para a importante tarefa em buscar o máximo possível o experienciar da coisa para que consiga entender qual é o significado que ela realmente possui. No momento em que se coloca no experienciar do artista, coloca-se também mais próximo de apreender a essência do ser-criado.

Deve-se investigar o criar de modo genérico para que encontremos a sua essência dessa forma não busque sobre um criar específico que não abranja a todos os modos. Levando em conta que os artistas valorizam muito a habilidade do fazer manual, Heidegger inicia sua análise mediante do significado etimológico da palavra grega techné que consiste no saber fazer algo, no produzir que traz algo à frente. Nesse ponto, existe o problema de compreender a experiência como um simples domínio sobre o produzir, enquanto o sentido do experienciar grego não está ligado à técnica moderna, a arte ou a obra manual. O sentido dessa palavra é o mesmo tratado no primeiro capítulo dessa monografia, onde foi apresentado o significado do desvelar sobre a palavra aletheia, pois o criar que acontece na obra de arte não está limitado a um saber fazer a arte, assim como está para o saber fazer a obra artesanal.

---

4 Conforme a obra "A origem da Obra de Arte" usada como referência as palavras obra (Werk) e realizar (Gewirkte) possuem o mesmo radical: wirken: o vige da realidade.

> A partir da consideração da delimitação essencial da obra a que se chegou, de acordo com a qual, na obra, o acontecimento da verdade está em obra, podemos caracterizar o criar como o deixar emergir em algo de produzido. O tornar-se obra da obra é um modo de acontecer e tornar-se da verdade, em cuja essência está tudo. (HEIDEGGER, 2010, p.153)

De acordo com a citação, Heidegger mostra que o criar da obra de arte dá abertura para que a verdade aconteça por meio do produzir. No que traz algo a frente dá origem a obra onde reside o acontecer da verdade. Diante disso, a verdade por intermédio do criar estabelece a abertura do sendo, sempre disputa o originário-inaugural que sempre se abre e fecha para mostrar-se e depois retirar-se, pois o acesso que permite ter entrada a verdade não permanece aberto constantemente, ele se apresenta e logo se retira. O revelar acontece pelo próprio ser que se põe a mostrar-se, permanecendo a "essência do desvelamento do sendo pertence ao próprio ser, deixando abertura para o acontecer da verdade que ocorre de acordo com cada ser.

> Se para a arte está assegurada está mais alta possibilidade de sua essência no seio do perigo extremo, ninguém poderá saber. Mas podemos admirar-nos. Diante de quê? Diante da outra possibilidade, de que por todos os lugares a técnica se instale, até que num dia, passando por tudo o que é técnico, a essência da técnica se essencialize no acontecimento da verdade. (HEIDEGGER, 2007, p.394)

A disputa que existe no desvelar do sendo, quando a verdade e a não-verdade tentam sobrepor na clareira ou no velamento que corresponde ao que acontece entre Mundo e Terra, quando ambos em sua abertura tentam se sobrepor entre eles e se tornam cada vez mais inflexíveis e mais originais conforme a citação:

> No que um Mundo se abre ele situa para decisão e para uma experiência humano-histórica: vitória e derrota, benção e maldição, domínio e escravidão. O mundo que eclode traz para a manifestação o ainda não decidido e o sem medida, e, deste modo, abre a oculta necessidade de medida e decisão. (HEIDEGGER, 2010, p.159)

De acordo com a citação, Heidegger explica como o Mundo se manifesta no criar da obra de arte através do aberto da verdade. Sabe-se que abertura existente no sendo permite o desvelar da verdade e da não-

verdade, o filósofo explica que nessa abertura acontece a disputa entre Mundo e Terra, essa abertura permite que a verdade se manifeste através da experiência humano-histórica, dessa forma o que antes era oculto agora recebe espaço para aparecer e manifestar-se na amplitude existente no Mundo. Na presença disso a Terra erguer-se e se fecha em si, e em consequência disso o Mundo exige uma decisão e medida, e se abre ao sendo para que ocorra a manifestação da verdade. Nessa disputa tudo que a compõem (Terra) é dependente entre si para que possam existir, e sendo assim não é usado a palavra disputa no sentido de um combater o outro, mas no sentido de manterem-se cada vez mais unidos resultando no criar que desvela a verdade por intermédio da clareira que se dá no sendo.

> A disputa trazida ao traçar e deste modo resituada na Terra e, com isso, estabelecida, é a figura. O ser-criado da obra significa: o ser-estabelecido da verdade na figura. Ela é a estrutura em que como tal aparecer da verdade. O que aqui se chama figura é para pensar-se sempre a partir daquele situar e com-posição em que, como tal, a obra vige, a medida em que se instala e se elabora. (HEIDEGGER, 2010, p.163)

Por meio da disputa que se coloca na Terra é feito a chamada figura por Heidegger, semelhante ao que chamamos de forma ou ideia de algum objeto, é o que oferece estrutura para que a obra seja criada mediante da elaboração do produzir. Sendo o que permite o expor do sendo da verdade em sua estrutura.

O perigo emerge da essência da técnica moderna, ou seja, da armação assim como a salvação, pois no desafiar da natureza ocorre o desvelar que se dá na abertura da essência da verdade, que consiste no sendo. Dessa forma, o sendo se abre expondo a verdade e a não-verdade dessa forma considerar que a salvação está no reconhecer da verdade enquanto o perigo está no engano de entender a não-verdade como a realidade vigente. No que a armação possibilita essa abertura para a verdade, ela proporciona ao homem a possibilidade em conhecer apenas uma, no que se entende um desvelar é possível o homem não acreditar em uma possibilidade diferente, ou seja, de acreditar que pode estar equivocado no seu descobrir. A postura filosófica de Heidegger diante de todos os conceitos já apresentados, se dão por esse motivo, por considerar que podemos estar enganados sobre a verdade que revelamos, isso torna o caminhar heideggeriano contínuo, sempre pondo-se em busca da proximidade da verdade.

A partir da técnica moderna é possível perceber que um desvelar da armação está no descarte de suas matérias como lixos tóxicos ao ambiente

conforme foi apresentado no capítulo anterior. O artista encontra como um meio de despertar a verdade sobre essa técnica na reutilização do lixo para o criar da sua obra de arte. No momento em que ele está pondo em obra a arte da produção, é estabelecida a abertura do sendo sobre a verdade, e a não verdade que nos possibilita ter acesso a esse novo conhecimento, considerado pelo artista como o pensar consciente na utilização dessas tecnologias. Pode-se refletir sobre como a abordagem instrumentalista da técnica pode influenciar na produção de lixo eletrônico quando entende a técnica apenas como um objeto útil ou inútil.

A criação da obra é feita do que é extraído da Terra, sendo aquilo que oferece material para que a obra seja produzida oferecer base para a abertura do Mundo no ser-obra e possibilita o ser-criar existir. A Terra sempre está na disputa de fechar-se para o Mundo que exige sua decisão, nesse ponto a figura é o que dá forma para a obra e liberta a Terra dela mesma por meio da abertura do sendo.

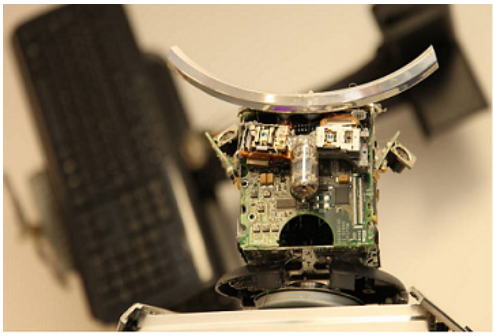
No que o artista produz a arte ele extrai do lixo eletrônico que é composto do material que foi tirado da Terra para ser transformado em aparelho, o seu descarte abandona o significado de aparelho, passa a ser entendido como um mero lixo eletrônico. A ressignificação do lixo ocorre quando ele serve de base para a criação da arte, a abertura do sendo que mostra que a obra de arte constrói a potencialidade de revelar a salvação. Dessa forma, podemos considerar que a salvação está no desvelar que proporciona a possibilidade de conhecer a verdade, tanto no expor desafiante da armação, quanto no revelar da obra de arte.

Em busca de entender a arte, o filósofo explica o significado do termo *factum* est que corresponde a palavra "isto". Quando esse termo é usado a partir da obra de arte ele possui o sentido de dizer que a obra é quando é única em si no operar da verdade, estando livre de qualquer referência. O "isto" se manifesta no surgimento da obra quando o ser-criado está em prática trazendo o que há de mais puro sobre a obra de arte, isto é, não carrega em si nenhuma particularidade que não seja da própria obra de arte. O artista que cria a arte deve retirar-se da obra no momento em que ela estiver finalizada, desse modo a obra é autêntica, o que para o Heidegger é o repousar da obra de arte em si mesma.

A obra de arte reciclável está em si mesma, pois independente de sabermos que essa arte foi produzi-la por determinado artista, ela por si só se mostra como algo autentico, pois não foi o artista que a produziu, a obra que determinou ela ser o que é, e sim a manifestação que acontece no artista no ato de produzir. Esta arte apresenta sua autenticidade quando está completamente livre de referência e por meio dela emana a sua beleza em apresentar a abertura do sendo. O Robô está

na fotografia completamente só, manifesta a ressignificação do lixo por meio da criação que permite no surgir da abertura do sendo mediante do seu aspecto coisal.

Figura 4: Robô feito de lixo eletrônico



Fonte: (AGUNZI, 2014)

> Quanto mais solitária a obra, estabelecida na figura, permanece em si, quanto mais puramente parece romper todas as referências com os homens, tanto mais facilmente o impulso do embate, que tal obra é, entra no aberto, tanto mais essencialmente o extra-ordinário irrompe e o que aparece até aqui como ordinário-habitual se anula. (HEIDEGGER, 2010, p.169)

Conforme a citação, Heidegger diz que a verdadeira está o mais distante possível do homem, pois segundo o filósofo a obra de arte é independente do artista, ou seja, segundo depois de ser finalizada ela rompe seu vínculo com seu criador. A partir disso se tem a possibilidade de ter a obra de arte que desvende a verdade. O fato de não haver características do homem sobre a arte faz com que o foco permaneça apenas na arte e não em aspectos exteriores, dessa forma conseguimos perceber o que há na obra independente de quem a elaborou. No momento em que passamos a considerar arte apenas aquilo que grandes artistas renomados produzem, o grande proposito da arte passa ser a busca de conceitos criado por tais artistas, para o filósofo já não se trata mais de uma arte pura, que tenha abertura do seu sendo, para que assim encontre nela o brilhar da verdade.

Desse modo pode-se perceber que o autor não considera arte o tipo de obra que precisa necessariamente de explicação para que se perceba sua verdade, pois quando colocamos legenda no que foi produzido pelo

artista coloca o que o artista teve como propósito. Nesse aspecto, o artista não se retirou da obra para que ela repouse em si mesma, pois com sua explicação ela passa a repousar no artista. O que consequentemente não a permite estabelecer a abertura do sendo que dá acesso a revelar. O termo desvelo é apresentado pelo filósofo de modo detalhado como o que está no interior da abertura do sendo que acontece na obra, por meio do conhecer desse desvelamento que acontece o saber.

O saber permanece um querer e o querer que permanece um saber é o extático lançar-se do ser humano existente no desvelamento do ser. A determinação, pensada em *Ser e Tempo*, não é a ação decidida por um sujeito, mas a abertura libertadora do *Entre-ser*, que o impulsiona do aprisionamento no sendo para a abertura do ser. Contudo, na existência, o ser humano não sai somente de um interior para um exterior, mas a essência da existência é o entre-permanecer que se expõe na ambígua separação essencial da clareira do sendo. Nem no criar nomeado anteriormente, nem no querer agora nomeado "se pensa no fazer e na ação de um sujeito que se põe a si mesmo como meta e que a ela aspira" (HEIDEGGER, 2010, p.171).

O desejo de saber o que está no meio do sendo é o que move para o conhecimento da verdade, isso acontece através do pensamento que busca o saber pela essência do seu ser, que estabeleça a abertura do homem para o ser que questiona. O sendo permite a libertação do ser revelando mostrando o que está no seu interior. Isso acontece no homem da essência da sua própria existência é o que permanece do seu próprio ser mostrando a diferença entre os dois lados do sendo, a verdade e a não verdade. Isso faz com que o homem seja colocado no experienciar da verdade que acontece na obra e por meio disso ele se apresenta como histórico do Entre-ser. O saber sobre uma obra não está como percepções estéticas sobre suas qualidades, mas na busca da essência de sua origem, que permite muito mais do que o encantamento sobre as formas da obra, está no que a clareira do sendo permite refletir da obra.

O ato de produzir do homem é a fonte do que o faz pensar e querer saber sobre algo, considerando que é mediante da produção que temos a abertura do sendo, a existência dessa abertura é a base para tudo o que põe o homem em pensamento. Quando o homem se põe no seu destino de desvelar a técnica ou elaborar a arte ele está respondendo ao chamado do que o solicita caminhando ao encontro da abertura do sendo, que o possibilita conhecer a verdade, distanciando do perigo que a armação pode oferecer e aproximando-se da salvação do seu próprio ser.

> Na natureza se esconde um traçar, uma medida e limites, e um poder pro-duzir ligado a eles: a arte. Mas do mesmo modo também é certo que esta arte na na-

> tureza somente se torna manifesta através da obra, pois ela originariamente se encontra dentro da obra. (HEIDEGGER, 2010, p.179)

A obra de arte está ligada a Terra através do seu aspecto coisal, pois na natureza que existe o traçar com todos os seus aspectos unidos por intermédio do produzir que resulta na arte. A origem da arte encontra-se na natureza e se manifesta em obra através do conteúdo material que a natureza oferece como subsídio para sua manifestação, e a arte está no interior do que produz a obra. A natureza oculta às propriedades que tem a potencialidade em se tornar arte, na ocasião em que a arte se torna obra, a natureza é desvelada através do produzir, que manifesta a obra no seu caráter coisal.

Em busca da essência da arte, Heidegger entende que o ser-criado e o seu revelar estão na obra da mesma forma e apenas é possível acontecer ao criar e o desvelar com base na da arte que se torna obra no elaborar. Desse modo, quem dá origem a obra é a arte de modo que o criar e o mostrar pertencem uns aos outros, a princípio foi afirmado que a arte é aquilo que põe a obra no acontecimento da verdade em obra, chegando ao ponto que nesta reflexão de arte o autor encontra ambiguidade sobre essa afirmação e passa a considerar uma ideia diferente. A ambiguidade está no mesmo tempo que a obra se põe a caminhar ela realiza o ser-obra, possuindo dois estados ao mesmo tempo, ou seja, a arte está caminhando para sua realização ou é realizada, não podendo ser os dois ao mesmo tempo. O filósofo considera que a arte é: "o criativo desvelo da verdade na obra. *Então a arte é o tornar-se e o acontecer da verdade*" (HEIDEGGER, 2010, p.181).

Por conseguinte, Heidegger chega à essência da arte, encontrando-a no acontecer da verdade que se manifesta no sendo por intermédio da clareira que se abre no seu interior. A arte em essência apresenta a verdade no ato de produzir a obra. A arte deixa acontecer em si em essência poiesis. É na sua essência poetizada que a arte se oferece de base para a obra de arte e para o artista, dando abertura para o criar e manifestar do sendo que apresentará algo novo. O descobrir da arte não acontece como algo simplesmente casual, mas de acordo com a mudança do sendo conforme ocorre o desvelamento do ser obra de arte.

Pela *poiesis* é que a figura é traçada forma-se em obra, fazendo como projeto iluminante o que deixa acontecer à abertura para o sendo. Na essência da arte emerge tudo que faz a obra surgir passando por todos os processos da produção. Partindo disso, é possível considerar que a poesia esteja presente em tudo que a arte constrói. Segundo Heidegger "a poesia, é apenas um modo do projetar iluminante da verdade, isto é, do poetizar, neste sentido mais amplo" *HEIDEGGER, 2010, p.181*).

O filósofo encontra na obra-da-linguagem a presença da *poiesis* e mostra que a linguagem não é apenas instrumento de comunicação usado comumente, não limitando-se a função de simplesmente por em circulação as palavras e expressões. Ela "traz o sendo como um sendo para o aberto" (HEIDEGGER, 2010, p.187), quando o nomeia pela primeira vez, representa a manifestação em palavra nos aproximando do seu conhecimento. A linguagem narra e inaugura o sendo para a abertura, isso nos permite ter acesso ao sendo da coisa que passa pela linguagem e se manifesta mediante da clareira que deixa brilhar sua verdade. Onde a linguagem está ausente não é possível acontecer essa abertura do sendo, não existe o não-sendo e assim como o vazio.

A linguagem que narra e inaugura o sendo é o que projeta a arte por meio da *poiesis*, que é recebida pela abertura do Mundo e na Terra pondo o que há de mais sagrado na criação da obra. Dessa forma, ocorre a aproximação com o deus, mostrando que o produzir da arte poetizada está próxima do que a torna sagrada que pela arte produz na obra.

A linguagem é *poiesis* em essência no sentido original e mais restrito, pois é a poesia que faz uso da linguagem por meio da ligação primordial essencial que existe entre uma e outra para manifestar o aberto do sendo. Tudo o que acontece para o revelar ocorre por meio da linguagem e do poetizar no modo primordial possível.

> A arte é, como o pôr-em-obra da verdade, poiesis. Não somente o criar da obra é poietizante, mas também, do mesmo modo, o desvelar da obra é poietizante, ,apenas a seu próprio modo; pois uma obra somente é como uma obra real se nós próprios nos livramos de nossos hábitos e nos abrirmos ao que se inaugura pela obra, para assim trazer nossa própria essência para o permanecer na verdade do sendo. (HEIDEGGER, 2010, p.191)

De acordo com a citação o *poietizar* não está apenas na libertação que a linguagem proporciona, está também no desvelar do seu ser. Considerar que o poietizar está presente na arte, significa que ele faz parte de tudo que compõe a obra de arte. Sendo assim, o *poietizar* está na obra é criada, desvelada, instalada. Deixando sua marca em tudo que a arte perpassa. De acordo com isso, pode-se considerar que na obra de arte reciclável está presente a *poiesis* no que a arte está presente em essência, na abertura do sendo para o mundo, no que a obra manifesta-se como arte.

No texto "A questão da técnica", Heidegger diz sobre a possibilidade que a técnica tem em desvendar as verdades de outras formas, sendo um dos meios a arte. Sabe-se que a arte é o que deixa emergir a verdade,

a partir disso devemos considerar que a arte posta em obra é um dos caminhos que podemos fazer para apreender a verdade por meio do seu desvelar. A poiesis que se instala na arte, é a que nos dá a possibilidade de conhecer os problemas causados pelo lixo eletrônico, por intermédio da sua manifestação que possivelmente transparece a verdade. Esse revelar que oferece perigo também oferece um caminho para salvação, pois nela está também o perigo do não se questionar sobre a própria técnica ou sobre a própria arte também. De qualquer modo o importante é se colocar nesse perigo de modo questionador para que assim estejamos no caminho de desvendar verdade que ainda estão ocultas.

A arte é entendida como um modo de trazer a verdade à frente, nos dando a possibilidade de tê-la como algo que vai além das Teorias estéticas ou apenas a pura apreciação do espírito pela obra, o existir acontece na abertura do Mundo sendo sempre resguardado pela Terra, onde ambos se colocam em constante disputa para manter cada vez mais sua originalidade. Quando ocorre a abertura do mundo na obra de arte reciclável abre também as possibilidades de nos deparamos com a verdade que a arte quer nos mostrar sobre os problemas que existem sobre o lixo eletrônico e como podemos solucioná-los por meio de um pensar consciente, mais próximo da realidade. Consequentemente, a arte nos coloca no caminho da salvação, pois se ela nos põe no perigo, ela nos coloca também nesse caminho que salva. Quando a grande maioria deixar de usar a arte como um meio de consumo, deixam também de se jogar no precipício da instrumentalidade, da visão rasa sobre a arte.

CONCLUSÃO

Através das obras filosóficas “A questão da técnica” e “A origem da obra de arte”, Martin Heidegger apresenta-nos a importância de resgatar a busca pelo ser na Filosofia Contemporânea, com base nisso aproxima-se do conhecimento verdadeiro sobre os entes. Esse é o pensamento da base para o presente estudo, diante disso, estabelecermos a relação entre a técnica e a ecologia na obra de arte reciclável.

O principal objetivo do estudo é relacionar a técnica e a ecologia na obra de arte reciclável. Essa relação foi estabelecida mediante do problema ecológico gerado pelo descarte de aparelhos tecnológicos, explicados por meio do conceito de armação e instrumentalidade, que dão margem para o emergir desse problema. Assim sendo, a obra de arte reciclável é apresentada como um meio de solução para esse problema, na ressignificação do lixo eletrônico, passando a ser considerado um modo de manifestação que permite o emergir da verdade. Desta forma encontra-se nesse emergir a abertura para o possível conhecimento sobre a verdade, na busca do pensar consciente sobre o problema ecológico do lixo eletrônico.

A busca pela essência da técnica é feita com base por um caminhar traçado em questionamentos ontológicos e etimológicos sobre a técnica antiga e moderna, apresentando a diferença entre ambas. Trata-se do desvelar da verdade por intermédio do produzir que leva algo à frente, referente à técnica antiga, enquanto que a técnica moderna possui o modo diferente de desvelamento, sendo por meio do desvelar que desafia a natureza e o homem como subsistência. Assim, foram apresentados os conceitos que permeiam a questão da técnica e a diferença existente entre as duas categorias.

Levantada a questão sobre o problema ecológico do lixo eletrônico foram levantados dados alarmantes sobre a quantidade produzida dessa categoria de lixo e as consequências do descarte indevido. O estudo mostra as possíveis origens da utilização e descarte indevido por meio dos conceitos de instrumentalização da técnica e o perigo que emerge da armação. As pesquisas servem de base para a proposta do refletir filosófico sobre o problema tratado.

A possível relação entre a técnica e a ecologia é apresentada por meio da obra de arte reciclável, na utilização do lixo eletrônico como matéria prima para a elaboração da obra de arte. Por meio do produzir artístico, a arte passa pelo artista como o intermédio de manifestação pondo a arte

em obra, esse produzir acontece poeticamente pelo autor, provocando a abertura da verdade através da arte. Por conseguinte, a arte é um meio de ressignificação do lixo eletrônico e o possível acesso sobre a verdade desse modo de manifestação.

Desta forma, a possível hipótese é alcançada por meio do embasamento teórico apresentado a partir da leitura e interpretação dos estudos de Heidegger, assim como pela reflexão filosófica que relaciona o emergir do problema da técnica sobre a ecologia. Além disso, é estabelecida a reflexão sobre os conceitos apresentados e explicados da obra de arte segundo Heidegger, expondo como possibilidade de solução para o lixo eletrônico a obra de arte reciclável, sendo um meio de manifestação da abertura da verdade viabilizando o acesso ao ser. Deste modo, o homem tem alcance ao conhecimento e possível conscientização do que a obra de arte reciclável tem poder de lhe mostrar.

Ter como base bibliográfica as obras de Heidegger permite possuir a fundamentação necessária para o desenvolvimento do tema tratado nesse estudo. Buscar comentadores e outros meios de refletir essa filosofia possibilitou o enriquecimento do estudo, de modo que viabilizou a meditação sobre diversos outros temas que podem ser tratados com base no que foi proposto nesse estudo. Levantando dados sobre a questão do lixo eletrônico foi possível pensar sobre suas consequências e relacioná-las à reflexão filosófica. Assim como ter o apoio da manifestação artística do Gilberto Vieira Mendes por meio das Obras de arte recicláveis, expôs de modo prático como o presente estudo pode ser colocado em prática.

Esta pesquisa está limitada ao seu tema com o propósito de apresentar satisfatoriamente todos seus objetivos, justificativas, hipóteses, junto a todo desenvolvimento estrutural de um estudo acadêmico. Mas existe possibilidade de tratar inúmeros outros estudos a partir dessa pesquisa. Por exemplo, o comportamento do sujeito diante dessa sua postura sobre a técnica e os problemas ecológicos, assim como tratar o problema do lixo eletrônico de maneira filosófica a fim de estabelecer outras soluções diante do descarte. Entre outras possibilidades, o estudo é feito com abordagem filosófica para despertar o pensar crítico e consequentemente ser fonte de melhores atitudes diante dessa reflexão.

ANEXOS

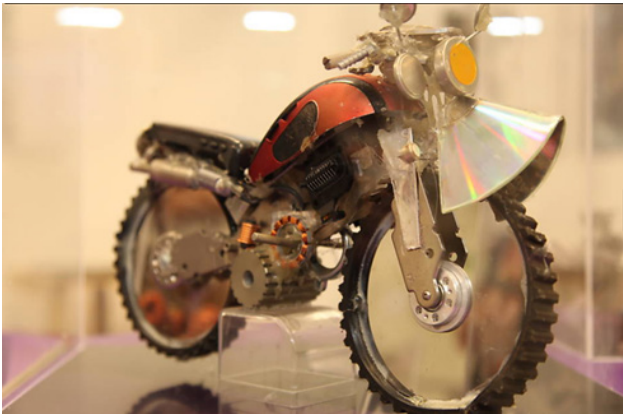
Figura 1: Artista Gilberto Vieira Mendes.

Fonte: (BR. ARTESANATO, 2018)

Figura 2: Tanque de guerra feito de lixo eletrônico.

Fonte:(AGUNZI, 2014).

Figura 5: Moto feita de lixo eletrônico.

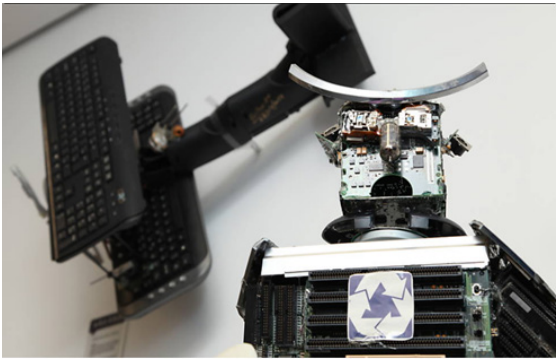


Fonte: (Agunzi, 2014)

Figura 6: Robô feito de lixo eletrônico.

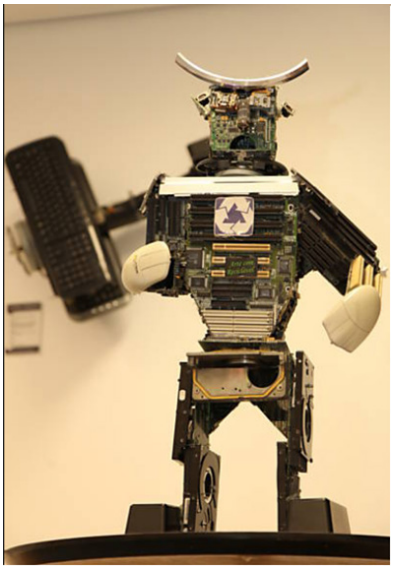
Fonte: (Agunzi, 2014)

Figura 7: Robô e avião feitos de lixo eletrônico.



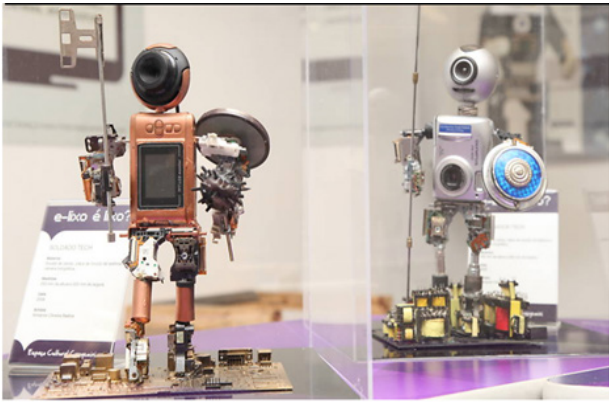
Fonte: (AGUNZI, 2014).

Figura 8: Robô e avião feitos de lixo eletrônico.



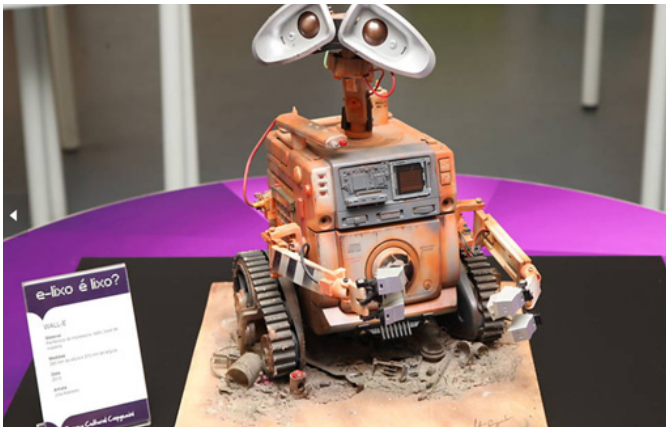
Fonte: (AGUNZI, 2014)

Figura 9: Robô feito de lixo eletrônico.



Fonte: (AGUNZI, 2014).

Figura 10: Robô feito de lixo eletrônico.



Fonte: (AGUNZI, 2014).

Figura 11: Soldado feito de lixo eletrônico.

Fonte: (AGUNZI, 2014).

Figura 12 Robô comunica-se em Libras.

Fonte: (CORRÀ. 2014)

REFERÊNCIAS

AGUNZI, Mariana. E**xposição traz esculturas feitas com lixo eletrônico**. Folha de S. Paulo. 05 out. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1526710-exposicao-traz-esculturas-feitas-com-lixo-eletronico-veja-imagens.shtml>. Acesso em: 15 mai. 2018.

ARTE RECICLÁVEL. **Gilberto participo da entrevista para LBV**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCKywJV21dQ>. Acesso em: 02 mai. 2018

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo.** Zahar. Rio de Janeiro. 2017

BOSSO, Sergio Tagliaferri. EZNWEILER, Jacinta. **Ensaios para determinar a (bio)disponibilidade de chumbo em solo contaminados: revisão**. Revista Química Nova: Instituto de Geociência da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/qn/v31n2/a36v31n2.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

BR. ARTESANATOS. **Arte e cultura**. Disponível em: < http://www.brartesanato.com/artesao/artecomreciclaiexclvel > Acesso em: 31 mai. 2018

CRITELLI, Dulce. **A essência da técnica**. Dossiê: Consciência do mundo. São Paulo. Disponível em: < http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16dc.pdf> Acesso em: 10 out. 2017.

CORRÀ, Daniel. **Robô usa linguagem em Libras para estimular consumo consciente**. Globo.com. 28 set. 2014. Disponível em: < http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/09/robo-usa-linguagem-em-libras-para-estimular-consumo-consciente.html>. Acesso em: 04 abr. 2018

COSTA, Poliana Emanuela da. **Heidegger a técnica moderna**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2014.

ECO DEBATE: **Site de informações, artigos e notícias socioambientais**. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2009/08/21/um-veneno-chamado-cadmio/>. Acesso em: 02 mai. 2018.

ECO LETRO: projeto de reciclagem de eletrônicos. Disponível em: <http://ecoeletrofase2.com.br/ecoeletro2/>. Acesso em: 01 mai. 2018.

ESPAÇO CULTURAL CAPGEMINI. **Exposição e-lixo é lixo?** Disponível em < https://www.capgemini.com/br-pt/news/capgemini-promove-exposicao-que-retrata-a-dualidade-do-lixo-eletronico-0/>. Acesso em: 10 out. 2017.

FERNANDES, Larissa Sousa. **Verdade em obra: Arte e poesia na filosofia de Martins Heidegger**. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2011.

FERNANDES, Lisiane Heinem, MAINIER, Fernando Benedicto. **Os riscos da exposição ocupacional ao cádmio**. Revista eletrônica: Sistema & Gestão: Revista eletrônica Universidade Federal de Fluminense (UFF). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.revistasg.uff.br/index.php/sg/article/viewFile/V9N2A3/SGV9N2A3>. Acesso em: 02 mai. 2018.

GSMA Latin América. **Novo relatório da GSMA e Universidade das Nações Unidas revela impacto do lixo eletrônico na América Latina**. Disponível em: <www.gsma.com/latinamerica/pt-br/relatorio-universidade-nacoes-unidas-lixo-eletronico>. Acesso em: 01 mai. 2018.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Tradução: Marco Aurélio Werle. São Paulo. 2007. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11117/12885>. Acesso em: 17 abr. 2017. 376

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Rio de janeiro. 70, Lda. 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. Rio de janeiro. Folha Carioca 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. São Paulo. Vozes. 2016.

ITU Committed to connecting the world. Disponível em: < https://www.itu.int/en/ITU-D/Climate-Change/Pages/Global-E-waste-Monitor-2017.aspx>. Acesso em: 01 mai. 2018.

LOPARIC, Zeljko. **Heidegger a pergunta pela técnica.** Revista: Scientle Studia. Disponível em: < http://www.interleft.com.br/loparic/zeljko/pdfs/PerguntaTecnica.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

MAGERA, Marcio. **O caminho do lixo: da obsolescência programada à logística reversa**. São Paulo: Átomo, 2012.

MENDES, Gilberto Vieira. Disponível: <http://www.fis.ita.br/acr/perfil/perfi_por.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.>MARQUES, Ana Catharina.

A obra de arte em Martin Heidegger. **Revista de estética e semiótica**. Brasília. Disponível:<http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/viewFile/11894/8321> Acesso em: 17 abr. 2018.

MULINARI, Filicio. **O problema do originário da arte em Heidegger: Considerações sobre a Origem da obra de arte**. Revista Theoria: Revista eletrônica de filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre. Minas Gerais. Disponível em < http://www.theoria.com.br/edicao17/05172015RT.pdf >. Acesso em: 23 mar. 2018.

OLIVEIRA, Sebastião Sidnei Vasco de. **Um estudo de caso sobre o projeto: "Gerenciamento do lixo eletrônico: Uma solução tecnológica e social para um problema ambiental"**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Politicas Publicas) – Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2014.

Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm >. Acesso em: 02 mai. 2018.

RODRIGUES, Evelyn. et al. **O laboratório clínico livre de mercúrio. Divisão de Laboratório Central do (HC-FMUSP) – São Paulo.** Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/jbpml/v47n3/v47n3a03.pdf >. Acesso em: 02 mai. 2018.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. **Como fazer projetos de Iniciação Científica.** São Paulo: Paulus, 2014.

SILVA, Frankiln Leopoldo. **Martin Heidegger e a técnica**. Scientle Studia. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n3/a04v5n3.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

ZIMMERMAN, Michael E. **Confronto de Heidegger com a modernidade: tecnologia, política e arte**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.